3 1761 07839082 0

ALEXANDRE BARBAS

Os Crimes de Sachristia

O CLERICALISMO É PARA A RELIGIÃO O QUE O CACIQUISMO É PARA A POLITICA.

SALMERON

PROPRIETARIO E EDITOR — O AUCTOR
COMPOSTO E IMPRESSO NA Typographia Bayard
106 — RUA ARÇO DO BANDEIRA — 110
Lisboa, agosto de 1910

Bx
1765
B35

LIBRARY
FEB 2 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

A meu irmão

Abel Lopes Barbas

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/oscrimesdesachri00barb

PROLOGO

Meu caro Alexandre Barbas:

Prefaciar um livro não é coisa que possa pedir-se a quem, como eu, nas escolas, não foi alem da instrucção primaria. Prefaciar um livro não é fazer a banal apresentação d'um amigo ao publico que vae le-lo, nem fazer reclame, á Americana, da mexordia, sem sciencia, e sem consciencia, de qualquer Esculapio menos escrupuloso, nem ainda pôr em evidencia um escriptor, embora incipiente, como se fôra um artista de vulto, com vestidura de palhaço de circo, para fazer rir creanças.

Prefaciar um livro é estuda-lo, critica-lo, desvendar-lhe toda a sua substancia, pô-lo em fronhagem corrente, destrinçar-lhe os prós e os contras, atira-lo á circulação devidamente sanc-

cionado, com o carimbo de — **Passe** — á multidão que o lê, tão reduzida no nosso paiz, de poucos compradores e de ainda menos estudiosos.

Se prefaciar um livro é, no meu entender, tudo isto, como quer de mim esse sacrificio, para não dizer esse — *atrevimento* — o prefacio, de quem tem a bagagem pouco volumosa d'um alumno de instrucção primaria?

Demais, o seu livro não precisa de prefacio. *Crimes*, não se prefaciam. *Crimes*, descobrem-se, denunciam-se, stygmatisam-se, punem-se. E, quando são «**Crimes Religiosos,**» levam-se ao tribunal da consciencia popular, tão rude e claramente como elles se comettem.

Crimes Religiosos são *crimes* sociaes,

porque são praticados, conscientemente, contra todos os cidadãos; torna-los conhecidos é trabalhar em favor d'estes, porque é expo-los á sua condemnação. A sociedade, pois, que leia e que condemne.

O seu livro apresenta á sociedade *crimes* da religião catholica, apostolica, romana e dos seus sectarios. Todos, desde o bispo ao mais humilde cura d'aldeia, commettem esses *crimes* em nome do deus, que os tornou senhores da *verdade revelada*, ensinada pela Biblia e imposta pelas ordens de Roma.

Commettem-nos, ainda, porque são homens *de ganhar*, estomagos que inventaram deus para comer. Sem esse deus morreriam de fome.

Combater a religião, combate-los a elles, e apontar os seus *crimes*, é apontar os *crimes* do deus em nome do qual os praticam. O seu livro, combate o deus da Biblia, unico responsavel pelos *crimes* d'essa religião e d'esses homens. Pois não é verdade que elle é Todo-Poderoso e podia evital-os?

Quaes são esses *Crimes!* Você o diz:

«**A Psychologia do Padre**»?... Crime de hypocrisia, praticado conscientemente contra todos os seres que ainda veem nos padres enviados de Deus, em nome do qual vão extorquindo os meios de que vivem.

«**As Bullas**»?... Outro crime. Por meio d'elle lembram faltas commettidas por mortos

que muito deveriam respeitar, mostrando-os nas penas do purgatorio e do inferno, condemnados por esse deus em nome de quem tiram ás almas mysticas os magros vintens ganhos com o seu labutar continuo.

«**Jejuns?... Indulgencias?**... Que farça! Deixar de almoçar de manhã, para se banquetearem ao jantar. Bem estar no outro mundo em troca de sacrificios feitos pela vida em fóra.

«**Bens d'Alma**»?... Um entremez. Cantigas avinhadas em volta de uma eça, com as quaes entram na pequena herança, prejudicando orphãos, tirando a viuvas o que elles precisam para viverem á larga.

«**O Deus de Roma?**... Quem é o Deus de

Roma? O papa. Quem é o papa? Dil-o Guerra Junqueiro: «*Um deus inventado á sucapa*». Para que o inventaram? para auctorisar todos estes *crimes*, e mais os da matança de milhares e milhares de homens: — As Dragonadas, a S. Bartholomeu, a Inquizição, o pôtro, o ferro em brasa, o chumbo derretido, todas as colossaes attrocidades da igreja!

Todos estes *crimes*, todos os **Crimes Religiosos** foram praticados em nome d'esse deus que, como diz o mesmo poeta, — «*Sahiu de uma bolsa de quino.*» Este deus e o da Biblia são uma e a mesma coisa; combater um é combater o outro.

O seu livro, pois, combate deus, santos, milagres e padres. Não o Deus que eu vejo em todas

as coisas que se me patenteia e descubro nos homens e nos outros animaes, nas plantas e nas flores, nos reptis e nos insectos; mas o deus *papão* o deus *carrasco*, o deus *biblico* dos raios e dos diluvios vingadores, inventado para tranca de porta das casas de vendilhões, de burlões, de papões e de papistas, seus sectarios, que á força lhe defendem a existencia para capa de todas as suas infamias.

Como prefaciar assim o livro que combate esse deus, sem mais bagagem que a natural, sem o estudo theologico que o acceita, que o venera, que o vende em bentinhos, e em aguas chilras e milagrosas, e o apresenta em trabalhos de prestidigitação a que chamam pomposamente milagres?

Era necessario ter a coragem audaciosa dos arlequins de feira que, fallando latim para que os não entendam, vendem um preparado capaz, elle só, de curar todas as doenças: — a *agua de Lourdes*. Era preciso ter a mascara da fé, e crer em todas as farças e reliquias que a igreja nos apresenta. Simples montanhez, habituado a contemplar os pontos mais altos dos Herminios, e as florestas mais pujantes da fertil Africa, não conheço nem admitto homens conhecedores de *verdades reveladas*, que um ser incomprehensivel lhes desse em monopolio.

O Deus em que acredito não é theologico: — é scientifico; não é milagroso: — é racional; não existe nas alturas inconcebiveis: — vive em mim,

vive em si, vive em tudo o que existe ; não condemna os que o offendem, porque perdôa aos que prevaricam ; não é um deus-fé, é um Deus-Razão ; não é um deus-arbitrio, é um Deus-Certeza ; não é um deus-odio, é um Deus-Amor.

O deus do seu livro é um deus-balcão, um deus-pólitico, um deus-curandeiro, um deus penitenciario. Esse deus não se discute: — despreza-se. Não se ama : — prega-se-lhe com os ossos na Penitenciaria.

Prefacio, para quê?

Quer que lhe ajude a combater o papão? Tem ao seu lado os meus fracos recursos.

Traga-o á praça publica, prenda-o ao poste de ignominia com os seus sectarios, e, por fim,

derrubado o seu *throno*, se da derrocada alguma coisa ficar, conte com o desinfectante da — *Verdade* — que nos limpará os residuos da mentira.

Aqui tem, não um prefacio, mas mais uma farpada no manto roçagante d'esse deus capa de bandoleiros.

Pedro A. Botto Machado

Os Crimes de Sachristia

I

Auto-biographia

Já differentes amigos, meus irmãos em ideias, me tinham apontado a necessidade de vir á «imprensa» dar uma satisfação publica do tempo consumido pelo Seminario, e dos esforços que ainda puz em jogo para a minha bem intencionada e temporaria ordenação.

Assumptos de occasião e sobretudo a urgente, senão irresistivel força de expansão que dominava o meu espirito, desviaram-me do caminho que tinha a seguir, ao desprezar com enthusiasmo uma vida reles e pulha, acabrunhadora e depravada, para entrar «são e salvo» nas fileiras libertarias, defendendo humildemente, mas com abnegação, a causa santa dos opprimidos, para quem a maldade humana creou o céo de delicias e o inferno de dôres, pregando-lhes em seguida a resignação, para se alcançar aquelle, e, para se evitar este, a estupida conformidade com as leis humanas, como emanadas do sobrenatural.

Era ao Povo que devia dizer d'onde vinha, visto vir para o Povo acclamar a sua soberania, a sua força, os seus direitos.

E no emtanto já não pensava sequer na obrigação que tinha contrahido.

A celebre «Carta aberta» (*) assignada por um conego que naturalmente pertence aos filhos amantissimos de Jesus, foi um aviso para poder calar a malta piedosa que tenta inutilmente amordaçar-me pelas casas de Deus, explicando os porquês da minha vida de aspirante aos altos cargos do sacerdocio.

Eis porque só hoje faço o que devia ter feito.

.....

Comecei de estudar em Gouveia. Alli fiz quasi todos os «preparatorios» sob a direcção santa de alguns padres que, embora não tivessem sido destinados para professores pela alta vontade do Deus biblico, foram meus amigos, sempre promptos a attender-me, pelo que me confesso ainda reconhecido, apezar de por elles ser já divinamente excommungado.

Falavam da egreja com carinho, a proposito de uma virgula mal traçada, faziam a apologia da vocação (?) sacerdotal, com a risonha intenção de me tornarem imagem e semilhança de um fiel christão.

(*) Este conego é actualmente professor do seminario da Guarda. Ferido na piedade sebacea pelas referencias que lhe fazia na imprensa a proposito da sinceridade acanalhada da podrice, dirige-me uma «carta aberta» onde patenteou grande amor profissional e a vacuidade da logica de galhetas. Respondendo-lhe á defeza sagrada, sua reverencia acagapou-se pelas sacristias donde em vão esperei a sua voz de theologo.

Obrigaram-me a reter palavras, atiraram para a minha memoria com todos o ferros velhos que se armazenavam nos compendios da aula, e com taes processos comecei a recitar as lições com tal desassombro e «sangue frio» que em pouco tempo ganhei logar de honra no numero de bons estudantes.

Os meus mestres davam-me boas notas, optimo aproveitamento (!) mas já me descobriam pouca propensão para servente de sachristias.

Vestido de luto, mantinha preta, lá ia dar o dia ao diabo, regressando a altas horas ao seio de minha familia, satisfeito do meu trabalho, risonho na inconsciencia da minha edade.

Meus paes faziam lisongeiras referencias á «vida de padre», indicavam-ma como a mais prasenteira, falavam-me dos beneficios do prior F., da robustez e consideração de qualquer ministro de Christo. Missinha a que faltasse era indicio de pouca vocação, e este juizo obrigava todos os que de boa fé trabalhavam na preparação da minha cadeira parochial, a encaminharem-me á casa de Deus, para me reforçar na crença, para me exercitar nas manobras beatificas do sacerdocio. Foram quatro annos assim passados, com o espirito envolvido em trevas, a minha intelligencia sem estimulo, o cerebro sem luz, a vontade ao azar, se não sujeita ao impulso d'uma esperança sem sentido, ou ao illusionismo que absorve a mais grandiosa faculdade do homem, a faculdade de abstracção.

Dizia que estudava para padre, mas não pensava no papel que elle desempenha na sociedade. Ia á igreja, assistia attencioso a tanta coisa ridicula, mas não tinha ideia da razão de ser dos

artificios que correm edades com o titulo de religiões.

Confessava-me crente, sem definir a crença, ouvia falar d'um Deus carrasco, que, por causa d'um louvor a menos, arrazava cidades, destruia campos, incendiava montes, vomitava raios e enfurecia tempestades, e d'um Deus egoista, benigno, que, por tres duzias de orações, dava flores aos campos, vista aos cegos, pernas aos coixos, prosperidades aos bemaventurados e encantos ás beatas.

Esta educação gerou-me uma preguiça animica, a ociosidade do pensamento, a pontos de acceitar sem critica, sem discernimento todos os preparativos para ser um eleito da egreja, um escolhido para os transcendentes beneficios da religião de Roma.

Julgava-me um bom catholico, um participante das graças celestiaes, quando era um escravo do meio, um inconsciente affeito á disciplina passiva, a que me tinham sujeitado, um «pobre diabo» rindo e cantando, desprendido de cuidados, na exuberancia de imagens lindas, tão peculiares da minha edade.

E assim dei entrada no Seminario da Guarda matriculando-me no primeiro anno de theologia.

Nas primeiras semanas, o mesmo amortecimento, quasi uma indifferença absoluta por tudo aquillo que me cercava. Não me preoccupava com as beatificas mentiras da egreja, não tratava de prescrutar o complexo machinismo d'uma disciplina estupida a que vergam os futuros obreiros da *vinha do Senhor*.

Ia acceitando sem critica as prescripções d'um bispo, conformando-me com os altos designios do destino que me tinha enclausurado entre quatro

paredes, como se fosse um condemnado, um criminoso que, no livramento certo, espera o introito para a vida, sem cuidados, sem fadigas, alegre e cheia de encantos.

Não era rigorosamente descrente, era d'esses indifferentes que se submettem ás variações caprichosas do acaso, com escrupulo de protestarem em defeza de qualquer principio.

Ria-me da crendice dos meus companheiros, mas não manifestava a boa vontade de reacção.

O meu espirito era uma tabua raza, um livro em branco, onde a mão do jesuita não conseguia escrever o seu Deus, nem gravar essa fé que vem servindo de bolota a tantos animaes de vista baixa, que se interessam pelo cadaver da sociedade, pregando-lhe uma salvação eterna, uma resurreição gloriosa e quejandas trampolinas, para, em vida, a esmordaçarem nos seus haveres, a degradarem na sua dignidade.

Com estas disposições, animado dos mesmos sentimentos, recebia, passados dois mezes, na egreja do seminario, as chamadas *ordens menores* em que resurgi *coroado*, com a marca do sacerdocio, disposto a seguir a malta santa dos bemaventurados.

Vieram as ferias do Natal.

Aproveitei esse tempo, não para repousar, visto a vida de seminarista ser um descanço continuado, imagem da vida que qualquer prior leva na aldeia, mas para regressar á minha terra, cumprimentar, abraçar a minha familia, os meus amigos.

Foi então que comecei a communicar intimamente com o clero; foi então que este, reconhecendo-me já inscripto no numero dos futuros presbyteros, teve o bom senso de se manifestar com

franqueza, e dizer algumas verdades que vieram estimular-me.

Volvidos quinze dias estava de novo no seminario.

As *ordens* que acabava de receber alarmaram a minha consciencia.

A indifferença tornou-se curiosidade.

Não era já o seminarista indolente que dobra a cerviz á disciplina; era o observador apaixonado, o investigador impaciente que quer aprofundar o meio em que respira, conhecer os agentes que o dominam.

As conferencias eram quasi diarias.

Em linguagem grosseira se fazia a apologia da *delação*, chegando um orador a dizer que o *seminarista que accusava o seu companheiro de qualquer falta commettida, revelava vocação sacerdotal, e que havia de ser um bom padre.*

O assumpto predilecto era a descripção dos castigos que o tal Deus biblico infligia ás almas que no mundo não attenderam a voz dos intrujões.

O céo, o inferno, o purgatorio, padre, filho, espirito santo, eis a trindade dos discursos que quasi todas as noites eramos obrigados a applaudir!!

Vi, pois, que alli não se prégava religião, que o altar, a egreja, eram esconderijos de especuladores, barracas ambulantes, e que o Deus que nos vinham apresentando, um catavento, sempre prompto a voltar-se ao capricho do tartufismo piedoso.

Com a observação, com a força da critica, com o poder da reflexão, o meu espirito ergueu-se, libertou-se e o amôr da emancipação começou a dominar-me, a vitalisar-me.

E' certo que ainda me submetti, mas foi para olhar para baixo, para a immundicie em que chapinhavam. A minha alma esteve sempre sobranceira. Passei alli algum tempo, á maneira do investigador que desce ás entranhas da terra, atravez das minas profundas, em busca de metaes de valor, para os offerecer á Humanidade.

Esse investigador, acompanhado duma lanterna segue, vae mais além, tranquillo sempre, para que o echo da sua voz, o som dos passos não façam desabar a terra, suffuca-lo, mata-lo nas suas aspirações.

Eu atravessei essa claraboia escura de tres annos de seminario, entrei em seguida no caminho tortuoso e mephitico da vida do clericalismo, mas a minha consciencia guiava-me, a dedicação á verdade enthusiasmava-me, a certeza de descobrir a sinceridade da padrice animava-me. Foi um sacrificio, mas encontrei-o leve, pelos serviços que vinha prestando á *Eterna Verdade*.

Foi, pois, entre as quatro paredes do seminario que formei o meu credo politico e religioso. Entrei indifferente, mas, alguns mezes decorridos, patenteou-se á minha vista de observador a triste e cruel conclusão d'aquella disciplina brutal a que faziam continencia os humildes pobres de espirito, que, de olhos esgazeados, esperavam a favoravel cadeira parochial.

O jesuitismo appareceu-me em toda a sua hediondez, cabreolando de degradação em degradação, pelos degraus da sua doutrina repelente, pela bestialidade dos seus instinctos, pelo escremento repugnante do seu sentimentalismo.

No confessionario, na capella, á mesa, no recreio, em qualquer canto, em toda a parte se ouvia a sua voz, se sentiam os seus movimentos.

Era confessor, era conferente. Era juiz, era conselheiro. A sua mão pesada e fria estendia os dedos esguios sobre tudo, e sobre todos.

Tinha entrado para o seminario quasi ao azar, sem crer em Deus, sem duvidar de Deus. A minha religião consistia em acceitar sem critica as imposições velhas do Passado.

Não discutia, accommodava-me.

Mas o riso satisfeito substituia a *oração*, os terrores de Jehovah varria-os uma gargalhada.

Sempre contente, não tinha interesse em saber a historia da egreja.

Alguns mezes, a dentro do seminario, foram sufficientes, para me convencer de que a religião revelada é um negocio alimentado pela ignorancia, para concluir que dogmas, mysterios, trindades e deuses eram maneiras diversas de explorar.

Despertei, e encontrei-me revoltado.

Que fazer? Achava cedo para rasgar a batina. Uma desistencia seria mal interpretada. Ainda pensei n'ella, mas ao architetar os meus planos, ao contar os dias da minha reclusão, vejo a imagem da minha Mãe, a unica santa da minha devoção, o unico anjo da minha alma; receei magual-a e fiquei com o proposito firme de não envolver a consciencia nos jogos ridiculos de piedade. Isto passava-se no primeiro anno de theologia.

E assim divorciado de todo o mysticismo, separado dos aspirantes ao sacerdocio, deixei por desfolhar com cuidado os livros da aula, para tratar de estudar todos os elementos que me cercavam, e de reforçar as minhas conclusões.

Para isso tive de acceitar a educação nefasta

do seminario e seguir a malta da casa em toda a gymnastica sagrada.

Nessa occasião fervilhavam as conferencias, sendo orador de quasi todos os dias o modestissimo! e virtuoso Arcebispo.

O seu cavallo de batalha era o sigillo da confissão.

Esta era a mola real da disciplina, o thermometro das vocações.

Era semanal e cada seminarista tinha dia determinado.

O confessor tinha um caderno, em que ia apontando a frequencia dos devotos.

As interrogações eram interessantes e eu comecei a frequentar aquella comedia com pontualidade, pois era o unico recreio que tinha, o meu verdadeiro passatempo. E' aqui que se avalia a tactica jesuitica, e só aqui se pode ajuizar do aviltamento do christianismo.

O confessor nestas casas é a policia permanente, o espião, o alavardo.

Para mim não passava dum reles comediante que tinha a vantagem de me fazer rir, mas para aquelles que alli estavam, com a dignidade em farrapos, devia ser o corruptor modelar, o criminoso infame, a apontar o caminho da deshonra com um gesto disfarçado.

Julgo pelo que lá se passava commigo.

Attendam os leitores:

Uma noite de aborrecimento tenho de ir ao quarto do confessor. Sou recebido com o riso cynico e, momentos depois, começa a confissão. Sabeis sobre que me interrogou? Sobre a vida do meu companheiro de quarto; queria saber o que elle fazia, perguntava-me pelos seus actos. Causa nojo. De que se servem, para fazer do semina-

rista um delator!! Foi a primeira vez que senti vontade de alli protestar. Mas os outros?

Para agradarem, para ganharem as boas graças dos superiores, e boas notas da cantada vocação, hão de descer á baixeza de satisfazer o representante de Christo.

A este respeito têm jogo mais aperfeiçoado e mais producente.

De quando em vez, vinha um jesuita de S. Fiel ou Aldeia da Ponte e annunciavam-se as confissões extraordinarias. Uma conferencia acerca do sigillo, um incitamento ao exame (!) de consciendia e em seguida vinha a receita de S. João Baptista.

Uma bella tarde sou chamado ao quarto do jesuita professo. Era para a reverenda coisa extraordinaria.

Mas antes do seu introito, offerece-me uma cadeira, e manda-me sentar. Para que será?

Não me faz esperar. Ri-se, esfrega as mãos e inicia uma conversa muito familiar, formulando as seguintes perguntas: — qual o meu nome, a naturalidade, porque me quero ordenar, se tenho vocação, o que intendo por vocação, com quem convivo e assim n'esta ordem de interrogatorio. Só depois de conhecer toda a vida do seminarista é que chega á confissão. É revoltante!

A observação rigorosa dos factos tinha-me emancipado. Todas as mentiras sacerdotaes, todos os absurdos da religião de Roma tinham-me revoltado a consciencia.

A minha religião, a minha politica estavam formadas, não á força de desfolhar livros, e ler obras libertarias, mas com a força unica do pensamento, despertando sempre pela voz rouca do auctoritarismo piedoso.

O unico auxilio que tive foi a leitura dos Rebeldes, a leitura dos artigos profundos de José Augusto de Castro, d'esse apostolo incansavel que vejo caminhar á frente dos combatentes da Democracia social, desfazendo preconceitos, arrancando violentamente a mascara de hypocrisia a essa sociedade depravada que os pulsos dos revolucionarios hão-de desmoronar.

José Augusto de Castro era, sem elle mesmo o saber, o meu director espiritual; as divinas paginas do seu livro, as brilhantes producções do seu cerebro, exteriorisadas nas columnas do «Combate» eram o meu evangelho que recitava, todas as semanas com a religiosidade dum devoto.

Do seminario escrevi ao meu illustrado amigo, expondo-lhe as minhas ideias, e o proposito da pretendida ordenação.

Quando um grupelho afadistado de sachristas cozinhou uma folha quinzenal com o titulo «Abelha», tratei de abrir no «Combate» uma secção, para rebater os ensaios das padrices, e descrever ao mesmo tempo as manobras do clericalismo soberano.

Compuz um artigo de critica que não chegou a sahir, por o jornal, para onde escrevia suspender a sua publicação.

Isto passava-se nos ultimos tempos do meu curso de seminario.

Retirado sempre do convivio dos futuros ministros do Senhor, levava exteriormente uma vida socegada, tranquilla, quasi isolada no meu quarto, mas, com a consciencia feita revolução, meditava com enthusiasmo na minha apostasia, caso viesse a ordenar-me, e nas luctas que ia travar contra as manhas sacerdotaes.

As auctoridades olhavam com maus olhos pa-

ra a maneira como sabia evitar a communicação com toda a malta de seminaristas. Esse sentimento de mau humor que nutriam contra a minha pessoa, cresceu, quando me sentem protestar contra o convite que queriam fazer, em nome dos seminaristas, aos jesuitas de S. Fiel, para irem pregar á festividade do S. Luiz de Ganzaga, chegou ao ultimo extremo, quando nessa festa, chamada a dos jovens, me recusei altivamente a ajoelhar aos pés do confessor, para no dia seguinte, assentado no coro, ver desfilar toda a communidade em frente dum nedio socerdote, depois de receber nas sacratissimas linguas as tripas, pelle e ossos do Nosso Senhor Jesus Christo!

Desfeitas as nuvens de incenso que se formaram em volta da salgadeira divina, recolheu-se o seminario ao silencio, os exames começaram, e dias depois passava pelas ruas da Guarda, risonho e satisfeito, disposto a dizer verdades que tinha registado.

Alguns amigos me aconselharam a desistencia, como verdadeiro caminho a seguir, não faltando tambem quem dissesse que me ordenasse e me conservasse padre, porque assim tinha occasião, para tecer a revolta nas sombras da egreja.

Estes planos não tiveram ecco no meu espirito.

No clericalismo ha muita hypocrisia; em volta do altar commettem-se muitas ignominias, em nome da cruz praticam-se verdadeiros attentados contra a dignidade humana.

É preciso conhecer tudo, desvendar todo o mysterio que envolve a religião, descobrir o manto grosseiro de mysticismo que venda os olhos do povo, e chama-lo á comprehensão dos seus direitos, e dos erros com que tem sido desfibrado

E que fazer!?

O caminho estava-me indicado.

Devia ordenar-me, conviver com a gentalha das sachristias, estudar de perto todas as manhas e burlas religiosas e em seguida rasgar a batina, apostatar numa grande solemnidade.

Abri uma serie de artigos no «*Combate*» com a epigraphe: *Aos seminaritas*, assignando-me *Spartaco*, e mais tarde sustentei na «*Solidariedade*» uma secção: *Carteira d'um revoltado*, com o pseudonymo *Um crente*.

Nestes artigos comecei de combater as mentiras da egreja, e á maneira que os ia activando, estava tratando da minha temporaria ordenação.

Dispuz-me a organisar os papeis, para requerer ordens sacras, escrevendo nessa occasião ao talentoso jornalista e valoroso poeta José Augusto de Castro, a pedir-lhe prudencia com os meus escriptos, declarando-lhe então os meus projectos.

Ambicionava ser padre, arrostando com todos os sacrificios, para auctorisar mais o meu ataque, e, em seguida *apostatar*, não receando perseguições, para reforçar a minha propaganda.

A auxiliarem-me encontrei diversos amigos.

O bispo da Guarda apenas respondia:

Mas que espere, a ver se dá signaes de vocação!!

Apezar d'isto, não desanimava.

Trabalhava com enthusiasmo, dando-se peripecias interessantes, sobretudo em duas excursões que se emprehenderam a Mello.

Esperava vencer, porque queria vencer.

Num bello dia, exponho as minhas ideias ao grande democrata, Pedro Botto Machado. Foi o ultimatum das minhas pretenções. Este cidadão illustre, meu particular amigo, depois de saber dos fins immediatos da minha ordenação, responde-me com a

serenidade e regidez de caracter que todos lhe conhecem: Ou se ordena para ser um bom padre, um sacerdote modelar, pregando a religião do amor, ou desiste e apostatar nunca. Não o aconselho a isso, porque o nosso meio não está preparado para a receber assim.

Desde este dia começei a resfriar, e resolvi pouco depois pôr termo á minha bem intencionada candidatura.

A desistencia era já um facto.

Assignar os meus artigos?!

Lembrei-me de que a escumalha que infesta as egrejas, havia de calumniar-me, logo que apparecesse francamente a desmascara-la, havia de dizer que no seminario pratiquei todos os crimes, commetti todas as faltas.

Para minha defeza, precisava duma certidão, tirada quando ainda me julgavam um pretendente aos altos cargos do sacerdocio!

Para isso resolvi ir á Guarda, antes de soerguer á alma das multidões a hostia sublime da verdade.

Apresento-me de mantinha preta, vou até ao paço, fazendo lá soar que tinha de ordenar-me em Lisboa e que para isso necessitava das notas do meu comportamento e envio ás niveas e gordas mãos do virtuoso bispo o requerimento que segue:

*Ex.*mo *e Rev.*mo *Senhor*

Alexandre L. Barbas, necessitando, para fins convenientes, duma certidão do que constar das notas do seu comportamento do seminario da Guarda,

*P. ao Ex.*mo *e Rev.*mo *Senhor Arcebispo Bispo da Guarda se digne mandar-lha passar.*

*Remettido ao muito Rev.*º *Vice-Reitor do Seminario (despacho).*

Ahi vae a certidão do meu comportamento, o unico diploma de valor que eu trouxe do seminario:

Acerca do requerente compete-me informar que do livro das notas do seminario consta que se lhe não encontrou vocação para o estado eclesiastico.

E segue:

Em tempo declaro que do mesmo livro consta que os motivos d'aquella informação se baseiam no seu caracter altivo *e refractario ao cumprimento da disciplina, falta de respeito aos superiores, e grande indifferença pelas coisas religiosas.*

O Vice-Reitor,

Manuel Mendes da Conceição Santos.

E com este diploma, levantado bem alto, para que lá não cheguem as vaias rancorosas do clericalismo, começo a escrever este livro, que será o primogenito muito querido da alma dum libertario.

II

Psychologia do padre

> O clericalismo é para a religião o que o caciquismo é para a politica.
>
> A cura da alma deve passar do sacerdote, ministro da fé, para o mestre-escola, ministro da razão — *Salmeron.*

O padre é dos elementos que só se pode conhecer apoz algumas tentativas, e depois de termos com elle um simulacro de familiaridade, pois só então ouvimos affirmações que traduzem o estado da sua alma.

Acompanhei-o em muitos actos da igreja, segui-o de perto, e, em todas as conversações, reconheci que essa familia solerte de ociosos era a hypocrisia personificada, que, sem consciencia, considerava a religião, como um officio de engorda, como um meio seguro e forte de especular com a crença popular.

Ha quem julgue que o padre está convencido

do que prega, que elle se conforma intimamente com os preceitos da igreja. E' um erro. Eu observei em quasi toda essa corja judaizante um desdem pelo que pregava, considerando sempre o Povo como cordeiro manso, para se deixar guiar pelos seus gestos criminosos. Muitos ainda tinham a prudencia de guardar um certo silencio, mas outros então mais cynicos, riam-se dos innocentes crendeiros que ainda acodem aos presbyterios a ouvi-los.

Já o professor de theologia, falando ácerca da immutabilidade de Deus, nos affirmava em plena aula, em pose magistral. — «Isto de orações e de missas é uma perfeita comedia, mas não devemos dizer isto lá fóra que em tal caso desapparece o nosso ganha pão». — Esta confissão tão franca d'um professor sobresaltou todo o curso. não pela novidade que levava a muitos seminaristas, mas pelo cynismo impudente que ella revestira.

E este illustrado (!) theologo assim revelava que na igreja se considera o altar como balcão de mercadorias, onde a retalho se vendem todas as mentiras religiosas. Mas ha mais:

Um certo prior, referindo-se a um sermão que eu preguei em Tazem, dizia-me que não cahisse em trazer para o pulpito aquellas doutrinas. Perguntando-lhe eu a razão do seu reparo, responde que ha verdades que se não devem dizer ao Povo.

Um bello dia, em que numa certa povoação, se faziam os taes «bens d'alma» um dos de corôa vomita por meio de risos:

«Eu na minha freguezia faço essa cantiga com tres ou quatro padres que appareçam. Os meus devotos não comprehendem e o effeito é o mesmo.

Mas basta de archivar aqui mais confissões. Serão sufficientes estas, para o povo se convencer de que essa seita de sotaina o explora ou rouba descaradamente, em nome dum Deus que ella nega em todos os seu actos de voraz rapacidade.

Sim, Povo, no padre está o teu inimigo. Assalta as tuas algibeiras, quando te vê entregue á Dôr, quando te encontra rindo no idealismo da vida, quando tu cantas e quando tu choras. E' no pulpito, é no altar, é no confessionario, que apparece, de aspecto beatifico, hypocrita sempre a fanatizar-te, a enxovalhar-te, a lançar os dentes de faminto, ás tuas economias, ao pão dos teus filhos, aos recursos da tua velhice. Não o acredites, que elle mente á sua propria consciencia. Eu o sei.

Numa humilde aldeia celebrava-se uma d'essas festas idolatras, em que se adora a obra tosca, e sem arte que sahe dos golpes da enxó ronceira.

Um pregador sobe ao pulpito e disserta, para edificação dos ouvintes, por cima de diversas mentiras clericaes, mas com tanto desassombro e indecoro, que fez crescer no meu espirito as ondas de indignação.

Acerco-me desse virtuoso evangelisador, verbero-lhe o arrojo da sua oração, e, em palavras asperas, e concisas, mostro-lhe a falsidade da sua doutrina. Elle, com ares de sarcasmo, não se defende, antes em conceitos affaveis, responde-me:

«Que fazer ?! E' o nosso officio !»

E' o meio em que vive, a athmosphera que o cerca, os agentes que o dominam que lhe traçam aquella vida, que lhe dictam os principios reguladores dos seus actos. E' a ordem natural.

Não pode modificar-se, sem romper o circulo que o envolve. E' a illação logica das premissas

estabelecidas pela mão da igreja. O contrario é anormalidade.

Tem de ser assim, hypocrita, mystificador, alma feita lama, com propensões para todos os vicios.

Muitas vezes se lêem protestos contra a licenciosidade de qualquer padre. Tal revolta é jogo de creança. Não é o padre que se deve atacar mas a igreja que assim o gerou. O padre vegeta segundo a constituição do terreno que trilha. A ociosidade é mãe de todos os vicios. E' maximo ao alcance de todos. E' escravo do ambiente em que respira.

A minha observação de alguns annos, levou-me á vergonhosa realidade de que entre os servidores dos altares se evidenceiam em alta escala os dois vicios que rebaixam a nossa personalidade — Luxuria e alcolismo. Ha cavidosos, mas são os mais infames.

Em familia estabelece-se a igualdade moral.

Os seus jantares são clubs de deleite e calculos traiçoeiros. E ao calor do alcool ao tilintar das baixelas, ao fumegar dos manjares, que se manifestam com mais liberalidade.

Aqui dão larga á sua animalidade. Nunca os vi discorrendo ácerca dos problemas sociaes que preoccupam os estudiosos.

Nos dias de confissão, appareciam-me sempre farcistas, ferteis em historietas, anedoctas, muito lidos em reportorios de proverbios. «Uma menina que queria casar, uma que casou; uma mulher que foge ao marido, etc., etc., etc.»

Por onde andam os mysterios do santuario da familia!

Mas agora temos na moda o padre liberal. Calça luvas, veste casaca, endireita-se com o

chapeo de meio metro, e já fala em comicios e conferencias.

Alguma imprensa revolucionaria mansa, levanta-lhe pedestaes de gloria, e no cabeção grava-lhe a lettras de ouro a luxuosa legenda: «É um sacerdote digno, illustrado, um patriota.» E no entanto é mil vezes mais ignobil que os que correm mãos com o rotulo de reaccionarios. Estes são hypocritas, mas coherentes, e nem sempre cynicos. O liberalismo daquelle é mascarado. Fala em liberdade, em civilisação, nos triumphos da razão humana, depois de ter levantado subrepticiamente um pedaço de fermento feito Deus, depois de pregar ao povo que ao altar representa Christo que a biblia foi inspirada pelo Espirito Santo. Na praça publica defende a pulmões de abade a emancipação do homem, no pulpito aconselha o mesmo homem a ajoelhar aos seus pés, para lhe perdoar as faltas commettidas. Nas ruas dá vivas á Liberdade, na igreja canta hosannas pelo direito divino. Além incensa, levanta saudações á razão, aqui dá vivas á fé. Além vive com Deus, aqui dá-se bem com o diabo. Eis o sacerdote liberal!

Este padre é um amphibio perigoso, um espirito hibrido. Vive da mentira e explora a verdade. Tem guelras para respirar nas trevas da igreja, pulmões para apparecer á luz da consciencia collectiva. E' cobarde, é cynico. Cobarde por não defender o Christo que o engorda: cynico por ludibriar o exercicio das suas funcções. Não tem crenças, tem estomago. Não tem politica, tem videirismo. O seu Deus é o ventre.

O padre tem de ser padre. Tem de ser hypocrita, se não quizer ser cynico.

Hypocrisia ou cynismo. Não faço excepções.

. . . . . .

O que por ahi se passa, o que se está dando deve servir de alarme, despertar-nos á comprehensão de que temos sem perda de tempo, de ir aos campos, ás aldeias libertar o Povo das unhas do padre. Este embrutece-o, bestializa-o. Nos grandes centros, está feita a nossa sementeira. Os nososs principios, a Democracia de paz e liberdade tem alli a força defensiva, a que ha-de triumphar dos ataques dos nossos adversarios.

Restam-nos as pequenas povoações.

E' para ellas que devemos olhar com cuidado.

Affeitas á monotonia religiosa seguem quasi em tudo as artimanhas da padrice.

Devemos levar-lhe o ensino laico, hoje a simples palestra, amanhã a conferencia e depois a completa emancipação.

Para igreja demos-lhe a escola, para evangelho o livro, para imagens de pau quadros artisticos, para devoção o amor ao estudo, para sacerdote o professor.

E' este o verdadeiro evangelisador, o que pode formar almas com o baptismo do A B C. Sinto por esta classe um amor profundo, e este amor augmenta á maneira que a vou vendo despresada pelos poderes publicos, odiada pela cretinagem infame que abunda por meio duma sociedade farcista e reles.

Não julguem os leitores que odeio o padre abomino-o, lastimo-o.

Abomino-o por representar a ignominia em carne e osso, por personificar a mentira. Lastimo-o por ser um miseravel, degradado ás exigencias do estomago. Miseravel sim. Não diz o que pensa, não exprime o que sente.

Fala a medo, os seus actos são praticados com escrupulo. Em tudo julga vêr a mão imperiosa do Bispo a retirar-lhe o pasto, a ordenar-lhe o trabalho. Mente por officio, eis tudo!

Se familiarmente nos aproximarmos do padre que desce do pulpito e lhe exprobarmos a insolencia, a trapalhada do seu aranzel beatifico, elle olha-nos com espanto para dizer — «é a minha profissão, amigos, calae-vos».

Na sociedade esconde o cabeção, no theatro encobre a corôa.

Se ama, se o coração se abriu aos encantos duma mulher é para a levar á deshonra, é para augmentar o numero de engeitados sem lar, sem pão, sem agasalho.

Perguntemos-lhe porque não levanta da lama o ser que aviltou, porque não dá o seu nome, a sua alma aos filhos da desgraçada que affrontou, e elle, o padre, nos dirá — não posso, a minha vida não mo permitte.

E que mais...?

Devemos então odiar o clero? De maneira nenhuma. O miseravel lastima-se, e quando o é por profissão, abomina-se, apresenta-se ao Povo com os seus vicios, com os seus defeitos, e persegue-se, não por rancôr, mas tão sómente por o julgarmos inutil, por o considerarmos prejudicial. Assim tenho feito. Assim farei sempre sem medo, sem retaliações.

Inutil o padre, prejudicial a igreja.

Toda a tolerancia é um crime, e a que está accentuar-se na nossa sociedade toma as proporções de cobardia. Existe o Deus carrasco, o Deus despotismo, mas não se reconhece o Deus sentimento, o Deus bondade, o Deus progresso. Ha o

sacerdote officio, mas falta o sacerdote consciencia.

A igreja é um elemento de desordem no caminho da civilisação. Abatemo-la, todos os meios são legitimos.

O padre é o obreiro profissional da escravidão.

Acabrunhemo-lo; todo o gesto a serviço da Liberdade é sublime, é grandioso, porque tem o applauso das multidões.

III

Bullas

«E querendo ganhar o jubileu de seis mezes dareis mais um vintem de esmola ao thesoureiro que der as bullas, recebendo d'elle um exemplar impresso com o vosso nome escripto, que de outro modo o não ganhareis». E' assim a generosa linguagem do rodilho sagrado, concedido pelo Gregorio XIV, e actualmente com o visto do modestissimo arcebispo de Calcedonia, depois de ser espalhado a patacos pelos reverentes fieis da igreja.

Dizem que as *bullas* são esmolas que se podem dar ou negar liberrimamente, e que, por isso, o seu producto é obtido licitamente, legalmente, para fins humanitarios.

Liberrimamente, dizem elles. Tartufos. Dizei-me, coroados parasitas, que liberdade tem uma alma inconsciente nas vossas mãos?! Falaes em liberdade, vós que sois os obreiros da escravidão que concentraes todos os vossos cuidados em obscurecer intelligencias, em enfraquecer

vontades!! Não e não. Vós não levaes a serio o grande monopolio das bullas, nem tão pouco achaes justa essa consideravel receita das mitras.

Muitas vezes vos ouvia fallar com aspereza da sua applicação e confessar que achaveis justificavel o movimento de descrença que se vae activando no espirito dos vossos freguezes.

Vós bem comprehendeis que o producto das bullas vae enfeitar um bispo, rendilhar um calcedonio, engastar mais um diamante numa mistra e, não obstante, não sei se por espirito de disciplina, se por malvadez, continuaes a sangrar os vossos ingenuos freguezes, sem um desfallecimento.

O fim ahi está patente á intelligencia de qualquer observador, o qual é escandaloso, é revoltante. Dizem que revertem em favor de seminaristas pobres, em beneficio da religião, em amparo dos missionarios.

Mentira, mentira. Essa pequena esmola que sae das mãos dos filhos das nossas aldeias, vae servir a vaidade, o capricho, a libertinagem, e nunca alliviar a fome, nunca limpar as lagrimas a victimas que estrebucham no meio da nossa sociedade.

Repetir-me-heis que não coagis ninguem, que os vossos freguezes, dando aquella esmola ! ! praticam um acto liberrimo, em abono da sua fervorosa crença.

Farçantes. Se são livres, para que os ameaçaes com excommunhões? Se deixaes essa offerenda ao arbitrio dos crentes, para que ides ao pulpito, ao altar assestar todas as baterias do vosso rancôr, contra aquelles que não concorrem á vossa obediencia? Para que vomitaes anathemas? para que ligaes a esse rodilho poderes sobrena-

turaes, chegando a ter o grotesco e ganancioso desplante de dizerdes que peccados ha que Deus não perdôa sem a posse e assignatura do beatifico papel?!

Não mintaes ao Povo, não mintaes á vossa consciencia, não mintaes á humanidade.

A *bulla* é um imposto, lançado pelo Egoismo, aos resignados christãos do nosso paiz. É um juro que a igreja exige dos seus subditos, especie de adeantamento da renda do paraizo que ella dá e tira á sociedade, segundo observam os seus mandamentos.

A *bulla* é a mentira, é o crime, é a religião da canalha hypocrita, que vive junto dos altares a cevar odios, a vomitar ameaças.

Revolto-me contra a applicação do producto das *bullas;* revolto-me contra os meios subrepticios e singularmente abusivos de que se servem para as espalhar, para as vender.

Os meios de que lançam mão, é que fazem revoltar com mais calor a nossa consciencia, e levantar com mais effervescencia os protestos da nossa alma.

Que mostrassem a «*bulla*» como um recibo, pago para determinados fins humanitarios, e que depois desviassem o seu producto, para alimento de todas as vaidades, podia tolerar-se com sacrificio, porque, embora houvesse o roubo, não existia a cruel especulação, o criminoso mercadejar com espiritos entenebrecidos.

Mas não, a matulagem de sotaina não querendo patentear o valor real do rodilho beatifico, vae até ao ridiculo, para o fazer circular no mercado da crença popular.

E conseguem o seu *desideratum*, pois a massa inconsciente está disposta a correr ao local, onde

apparecem curandeiros com elixires milagrosos, para as enfermidades moraes.

As virtudes do «sagrado papel» vão augmentando de anno para anno segundo o criterio infallivel! da malta de coroados, que converteram o templo em barraca de feira. Se não, vejamos:

Em tempos faziam vêr que todo o fiel que quizesse usar de leite e ovos, durante o tempo quaresmal, devia comprar uma *bulla*, no valor proporcional aos seus haveres, porque, em caso contrario, cahiria no desagrado de Deus, isto é, peccaria.

O nosso Povo, sempre ingenuo, sempre crente, que está álerta, para se associar a todo o acto que lhe dizem agradar á divindade, obedeceu com toda a sua fé inconsciente e começou a comprar, privando assim o seu lar dum pão que enganaria a fome a seus filhos.

O nosso proletariado, feito philosopho pelas rudezas da vida, formulou muito espontaneamente o seguinte syllogismo:

Se a *bulla* vae attingir com os seus privilegios tão sómente os que na sua meza usam de *leite e ovos*, não servirá a minha familia que, nem sequer, tem o pão necessario á vida.

Tirando, e acceitando esta conclusão, deixou de comprar, dizendo que não tinha razão de ser em sua casa, onde não ha luz, nem agasalho.

O capital abattia, e os senhores de baculo e annel, reconhecendo a causa, levantaram-se e clamaram com ares de triumpho:

Sem a *bulla* não se poderá usar de carne, e peccará todo o fiel que não attender e obedecer ás nossas disposições.

Falou-se em peccar e tanto bastou, para estremecer a alma do nosso Povo, a quem o sol da

instrucção não queimou as raizes do fetichismo.

Sim, elle tem ainda fetichismo da crença, presta culto a tudo, obedece a todas as advertencias dum boçal de sotaina, desde o momento que lhe disser que vae evitar um peccado, e praticar uma virtude. A ignorancia leva a insensibilidade á sua alma, trevas ao seu cerebro, para ficar a ser guiado por um aventureiro que bem pode ser um parasita a desfibrar-lhe todo o seu ser, que bem pode ser um demonio a leval-o de degradação em degradação, até á mais vergonhosa fallencia moral.

O nosso Povo que não tem a consciencia psychologica que só a instrucção assegura, fica a ser dirigido pelo primeiro charlatão que lhe apparece, que é o seu padre, que, conhecendo a malleabilidade da sua alma, torna-se echo do que sôa lá em cima, nos resplendores das mitras:

«Sem a *bulla* não se poderá usar de carne; peccará todo o christão que não acatar este preceito da santa igreja!!»

Estas palavras foram attendidas, calaram no animo dos seus freguezes que continuaram a comprar, a fornecer dinheiro, mais dinheiro para a libertinagem, para o orgulho, para a vaidade.

A lucta pela vida faz ainda descer alguma luz ao seu espirito, e, com a sua philosophia pratica monologaram intimamente.

Se a *bulla* vae servir os que se alimentam de carne, para que compra-la, quem nem sempre tem pão, quem tantas vezes tem a fome na sua meza?!

Assim pensou o nosso povo, assim deixou mais uma vez de ir á «feira da ladra» adquirir com as

suas economias o rodilho beatifico, sellado com as chaves do céu.

A igreja reconheceu a legitimidade da conclusão, e, para acabar, de futuro, com todas as evasivas, para evitar, mesmo transfugas na compra da *bulla*, deu-lhe poderes sobrenaturaes, faculdades emanadas do infinito, annunciando por toda a parte que ella purifica a alma, lava-a de qualquer mancha, faz o que a confissão mais sincera não póde fazer!! É ridiculo? Ninguem o contesta. Mas é verdade. Elles, os hypocritas, ahi estão no pulpito, no altar a dizer estas blasphemias, a incutir insolentemente aos seus freguezes que lhes manteem a ociosidade, que lhes acceitam todos as defecações da religião do absurdo, e do crime.

O roubo será perdoado por Deus, se parte delle fôr empregado na compra duma *bulla*, bradam os lazaristas do pulpito e até do confissionario!!

A *bulla*, comprem todos a *bulla*, que já vem rezada, que são immensas as graças que ella concede — perdão dos nossos peccados, absolvição das nossas faltas, eis o grito agourento e sinistro que nas abobadas dos templos os «regulos de mitra» fizeram soar por meio dos seus cretinos servidores.

E ha quem os escute, pois a ignorancia ainda não deixou de ser o patrimonio dos irmãos das nossas aldeias.

Patrimonio, triste patrimonio, legado pelo passado, reconhecido pela canalha doirada que vive de joelhos em volta do throno, e abençoada pela gentalha infame que cerca os altares da religião do odio e vingança.

A ignorancia é o dote do Povo, a propriedade

que os tyrannos de toga e sotaina lhe protegem, lhe reconhecem, lhe garantem. E' por isso que essa gente sagrada vae seguindo o seu trilho criminoso, explorando com o hyssope, mercadejando com agua benta, pezando, incenso, vendendo padre-nossos. E' por isso que *bullas*, indulgencias, *bens d'alma*, bentinhos, constituem a perenne fonte de receita do clericalismo, da corja amaldiçoada de milhares de malditos. E' a mentira a sustentar os criminosos. São os preconceitos do passado a servir de guarda avançada em volta dos palacios dos tyrannos.

De todos os meios se servem para elle ter rasgo na complexa feira da Ladra. Desde os mais burlescos, aos mais indecorosos. Fazendo do confessionario um kiosque, saciam alli, ás ordens do Senhor, o capricho da pilhagem, ameaçando com phantasmas, com o Caleidoscopio de terrores celestes, com todos os parazitas das barbas do Padre Eterno, aquelle penitente que ajoelhar sem o respectivo bilhete, não se dignando lançar-lhe a cruz da absolvição. E assim mistificando, combatendo, conseguem arrancar alguns vintens das economias cimentadas com sangue, vigiadas com os gritos da fome.

No seminario da Guarda tornava-se o mais comico, com sermão tragico, para o miseravel que não tivesse a conta em dia: Ao despontar o tempo em que o pobre Christo começa a galgar o caminho do seu calvario, preparam uma refeição, mascarada de carne, fazem fala os reverendissimos prefeitos, estremamente virtuosos, e precipitam pelo mephitico espaço, o timbrado pregão. Não poderá tomar parte no jantar o seminarista que não tiver a *bulla*.

E assim recebiam a benefica esmola.

IV

Indulgencias

> O pontifice romano não póde, nem deve reconciliar-se e compor-se com o progresso e civilisação moderna.
>
> *Syllabus*

Essa religião que corre mundos com o emblema de «divindade» e pomposo titulo de catholica romana, além do rosario de absurdos e falsidades manifestas que suspende por cima das multidões ingenuas e escravisadas ainda a preconceitos, alimenta, na complexidade do seu organismo, a funcção do ridiculo, que, a meu vêr, não desempenha inferior papel na exploração sacerdotal.

A farça com todos os requisitos, abunda no numero indefinido de piedosos disparates.

Se a sciencia com a sua luz resplandecente encontra erros e absurdos, o bom senso tem a

condemnar o lado escarninho que forma a parte principal da doutrina da igreja.

E se revolvermos com a ponta das botas (para não haver o sacrificio de nos baixarmos) a grande montureira evangelica de *verdades reveladas* e preceitos de sachristia, accumulada ainda com todas as immoralidades da Biblia em que se colhem ostras canonicas, deparamos com a asquerosa dejecção que baptisaram com o nome de indulgencias.

Este capitulo da religião de Roma tem arrancado muito dinheiro ao povo que desfibram, tem sido e continua a ser o permanente leilão, em que se vendem por todos os preços, absolvições, graças, jubileus, emfim todas as pilulas que dizem indispensaveis para o penitente poder chegar são á presença do Padre Eterno.

Mas poucos as sabem definir, muitos frequentadores assiduos do altar não sabem mesmo em que consiste a ingente pilhagem das indulgencias.

Para as combatermos não vejo melhor maneira do que expôr a sua doutrina.

«Indulgencia — é a remissão da pena temporal, devida por peccados já perdoados emquanto á culpa.

A egreja no acto da concessão, applica do *thesouro incomensuravel* as satisfações de Christo e dos santos.

Divide-se em pessoal, real, e local.

A pessoal concede-se a uma pessoa phisica ou moral, em recompensa de certas obras piedosas.

A real anda inherente a um objecto portatil como um rosario, uma medalha, etc., etc.

A local está dependente dum logar benzido como uma egreja, um altar, etc., etc.

Pode ser ainda plenaria, se perdoa toda a

pena, e parcial se simplesmente em determinada parte fica sanada.

Quem as póde conceder?

O papa, bispos, arcebispos, cardeaes, nuncios, vigarios, capitulares...»

Mas de que é composto o *thesouro* da egreja, donde saem tantas graças, perguntarão os leitores?

Attendam, que é o Vaticano que no-lo diz:

Christo obteve para a humanidade satisfações infinitas; a esposa de S. Gabriel alcançou por sua vez grandes beneficios cujo excesso se depositou a um canto do palacio pertencente aos herdeiros de S. Pedro.

Se um fiel mandar suffragar a alma dum seu parente ou amigo, e se elle estiver já a gosar da bemaventurança, essas orações não lhe aproveitam, e cahirão no deposito.

Se o parente ou amigo estiver penando no inferno, tambem não disfructará os suffragios, e supplicas, que irão para o mesmo deposito, chamado —thesouro da egreja,—que é formado, além das satisfações de Maria e seu filho, por missas, officios, novenas, terços, procissões etc., que não são utilisados immediata e efficazmente.

O thesouro está sempre cheio.

E o pontifice, verdadeiro guarda portão encartado, espalha então os beneficios alli reservados pelos ficis que melhor souberem corresponder á sua generosidade.

Leão X, vendia-as a dinheiro, mas a prompto pagamento, e, segundo as crises da propagação da fé, segundo as compras de santos, e edificação de templos luxuosos, assim o leilão regulava os seus preços e valor.

Hoje por um pataco, preço da bulla da crusa-

da, alcançam-se muitos jubileus, graças e mercês divinas.

Uma volta a um altar, a compra do rosario da companhia, a delação, um folar ao parocho, tudo isto nos dá direito ás mercadorias do thesouro da egreja.

Ha indulgencias reaes e locaes.

Uma cruz, bentinhos, escapularios, medalhas, molhadas em agua suja, teem a graça, a faculdade de dar a quem os possuir, uma certa medida dos beneficios reservados no thesouro e com taes merecimentos alcançam bons cabritos, alqueires de centeio, emfim, todo o preciso para essa cambada de ociosos se refestelar á farta com os fructos do suor e energias do nosso humilde proletariado.

De maneira que o Deus de Roma, faz só questão de dinheiro, a salvação eterna compra-se não se ganha.

V

Egreja e Estado

«... defender o mysterio contra o milagre, adorar o incomprehensivel e regeitar o absurdo, não admittindo em coisas inexplicaveis senão o necessario tornando sã a crença, tirando as superstições de cima da religião, catando as lagartas de Deus».

Victor Hugo.

No jardim do christianismo, onde se alteiam viçosas algumas flores de verdades, plantadas pelos doces gestos de Jesus, regadas pela seiva de suas palavras, consolidadas pela força calcinante do exemplo, cahiram, d'uma sociedade tyrannica e proterva, granulos protoplasmicos de cobiça e egoismo, gerando todo escalracho que ahi está offuscando a luz da verdade, e escondendo a altruista intenção do martyr de Golgotha.

O escalracho cresce dia a dia no vergel da doutrina de Jesus, sorvendo a seiva aos lyrios, e

ás boninas que vão perdendo os doces aromas que inebriam o coração dos opprimidos, que limpam as lagrimas ás victimas do desespero. E vegeta, vegeta sempre, amparado por mãos avaras e assassinas, guardado por obreiros que, á sua sombra, dormem o somno da indolencia, que saudam um novo rebento, que osculam uma tenra vergontea.

O proletariado religioso que tem por missão cuidar carinhosamente da «vinha do Senhor», tratar do jardim do christianismo, vae deixando estiolar por malvadez, as flores naturaes, tão doces e tão bellas, que espargiam effluvios de amor, que ridentes abriam as suas petalas, a beijar os famintos, a abraçar os perseguidos.

Elle que devia ser um guarda fiel, que devia conserva-las sempre viçosas, contra os ardentes calores do erro, sempre erectas contra as furiosas tempestades das discussões, vê-as desfolhar uma a uma, sente-as tombar, e só então desperta, a plantar o «*escalracho*» de que vive, de que se alimenta.

Elle que devia mandar arrancar as hervas damninhas que enchem a «sementeira de Jesus» (*) rega-as ainda com a saliva das suas palavras, sustenta-as com os seus actos, fortifica-as com o seu proceder cruel e rancoroso.

O proletariado religioso, guiado por uma

(*) O Jesus destas paginas não é o filho da mulher que fica virgem depois de se entregar á sensualidade de S. Gabriel. Não é o Deus gerado e assimilado pelo clero ás horas da primeira refeição. E' um ser abstracto, simbolisando a revolta do direito contra o despotismo dos senhores. Esteve com Spartaco, acompanhou os Grachos, abriu a sepultura a Cesar, e orientou a emancipação dos escravos no largo periodo da *Edade Média*.

paixão obcecada, olhando tão sómente ás dilatações do «ventre», sem o menor respeito pela dignidade do nosso pobre povo, explora-o, rouba-lhe as energias dos musculos, com esse canteiro de mentiras que está atrophiando as flôres naturaes plantadas pelo doce Jesus.

E' verdade, crua sim, mas verdade, que hoje, o clero só trata de transplantar d'uma imaginação sanguinaria para o seio da religião, hervas de mentiras, que formam essa egreja que se impõe á reverencia da sociedade de analphabetos que, como taes, acceitam todas as loucuras que dizem passar o *além-tumulo*, a acalentar os justiçados pelo Ente incomprehensivel.

Verdade, justiça, amor, que levam aos cofres d'um Bispo, ás algibeiras d'um padre, ás mãos do clero? pouco, nada talvez, para o que ambicionam, afim de satisfazer os prazeres mais derrancados, os appetites mais bestiaes.

«Venha pois a mentira, cresça esse escalracho, vegete, estenda os seus ramos na bagagem grosseira da fé popular, enraize-se, espreguice-se na crença dos inconscientes, para que tenhamos oiro para a nossa indolencia, para a nossa ociosidade, para que pezemos sangue a padre-nossos, suor a incenso.»

Pezar sangue, pezar suor!! Sim, leitores amigos, o nosso povo, o nosso irmão vae ao templo, em tradicional romaria, na leda ingenuidade, na innocente persuasão de ir alimentar a sua crença, vivificar o seu credo, de ouvir, emfim, junto dos altares, a doutrina da Verdade, e o inconsciente sem venturas é alli esplorado por rufião estupido que lhe bebe o sangue das veias.

O tempo vae-se convertendo em praça de regateiras, o altar em mostrador de quinquilherias,

e o pulpito em assento de saltimbancos, em porta-voz da blasphemia.

E sempre ha que vender, sempre apparece a mentira para ser posta em leilão, pois é em leilão que o lazarista consegue passar todas as hervas assassinas que espiritos mal intencionados fazem vejetar á sombra dos campanarios.

O templo é uma praça de regateiras.

E' alli que o povo, julgando acalmar o Ente infinito, é explorado, roubado, desfibrado.

E' alli que o nosso irmão vae receber indulgencias, bullas, terços, orações, mentiras geradas pela egreja, e sanccionadas pelo Estado, a troco do seu suor, do seu sangue, da sua vida.

A verdade não se prega, porque não rende. A luz, a luz da sciencia, a luz do conhecimento não se alimenta, porque mostra os rastos do roubo, porque descobre as manchas de sangue, que fazem verter aos filhos dos nossos campos, que, em trajes de mendigo, andam supplicando o pão da Justiça, negado por tantos verdugos de sotaina.

Trevas, haja trevas na intelligencia do nosso Povo, para poderem mentir, para poderem roubar.

E' do roubo, é da mentira que vive a escumalha dos presbyterios. E' roubar, é explorar, é assassinar, servir-se da ignorancia do nosso semelhante que é nosso irmão, para impor ao culto da sua alma tão ingenua e meiga, sandices e protervias que formam as blasphemias lançadas á face da Humanidade E' assassinar, disse eu, porque ha ainda paes, que se deixam levar no enxurro das advertencias do seu *prior*, indo comprar bullas, indulgencias e quejandos com o dinheiro que daria pão a seus filhos que se estorcem de fome.

Padres ha que querem conhecer a verdade dos factos, mas lá seguem, sem que a consciencia se levante, porque dizem ser a sua enxada, a sua principal fonte de receita.

Eu vi alguns «sotainas» rindo-se da crendice popular, risos formados de odio, traduzindo maldade.

Riem-se e o nosso Povo julga vêr naquelle riso uma manifestação de amor, quando é uma expiração de veneno, amassado com a bilis dum coração pervertido e perversor.

Pobre Povo. Riem-se, quando choras, e quando a alma se desliga das podridões da triste realidade que te envolve, para gorgear e cantar, mil olhares de desespero e perturbação te espreitam os movimentos, por te julgarem feliz com alguns momentos de placida e fugitiva alegria.

Inconsciente, sim. O Povo só ri e canta, quando a apparencia o allucina, quando a particula dum vago idealismo, brilha no ambiente da sua alma.

Se elle meditasse no seu estado ou prestasse alguma attenção aos dois inimigos que rodeiam sua choupana, sem luz, e tantas vezes sem pão, não esboçaria um sorriso, não descansaria um instante, unir-se-hia, e considerando a revolta, como um direito sagrado, iria até ao triumpho da Justiça, que é o triumpho da sua causa.

Mas elle não pensa. Um pensamento é raio de luz, é uma labareda, e na sua alma só ha trevas, só ha insensibilidade.

Não conhece os seus inimigos, e, se algum espirito, abençoado, lh'os aponta, é exilado, é perseguido.

São exilados os que levantam a voz da Justiça, no meio dos explorados. Forjam leis iniquas

para os que cantam aleluias de Liberdade nas fileiras dos opprimidos. Estes, os pregoeiros do — bem — os evangelisadores da verdadeira moral, as sentinellas bemditas do Povo são ludibriados, enxovalhados, se um dia tentarem cortar o rosario de mentiras que cerca a alma candida dos habitantes das nossas aldeias. Os outros, os especuladores, os oppressores passam de mãos dadas em intima camaradagem, coadjuvando-se nos continuos assaltos revolvendo-se em prazeres variados.

Vivem satisfeitos, suspirando ar puro na atmosphera livre, depois de deixar no caminho que vão trilhando, muitas victimas, muito sangue, muito suor, muitas lagrimas.

São criminosos, mas formando elles o corpo da Justiça, ficam impunes. Abrem-se-lhes palacios, quando se lhes haviam abrir carceres. Levantam-se-lhes padrões de gloria, quando lhes haviam de levantar patibulos de infamia.

E' assim a moralidade social. E' assim a Justiça dos estados.

Leis, as mais barbaras, para os que padecem, e para os defensores dos opprimidos. Previlegios, honras, dignidades para os despotas, para os que gosam deitados no seio da ociosidade, das energias de milhares de desgraçados que formam a colonia dos famintos, dos rachiticos e dos tuberculosos.

Os nossos legisladores, aos que vivem dos seus musculos, do seu suor, dão impostos, sellos... ameaças e ao proletariado intellectual offerecem-lhe, a mais, leis de imprensa, o exilio... Timor. Se fallam, se ousam desdobrar a verdade na sua singeleza, e mostra-la, de bem alto, ás multidões, são alvejados pelo odio inqualificavel dos

nossos dirigentes, odio que os arrasta á perseguição, ao expatriamento, á morte.

Explora-se, assalta-se rouba-se, Os ultrajados gemem, mas calam; soffrem, mas em silencio. Sentem-se desapossados do que lhe valeu sacrificios, mas, na generalidade, não conhecem a mão avara que penetrou nas suas algibeiras, não distinguem o braço que arrombou as suas fechaduras. Mas os criminosos não estão sós no acto do crime. Ha alguem que os segue, que lhes acompanha os passos, que póde ser testemunha das suas acções. Esse alguem, formado pela pleiade santa de almas de luz e amor, quer denuncia-los. Apella para as leis, e nos legisladores conhece os criminosos. Appella para a nossa constituição e ahi encontra a deificação do crime.

Quer ir com recursos. Para onde? Impossivel. Em toda a parte vê criminosos, em toda a constituição social vê attractivos para o crime.

Retira-se compungido e triste, e, no silencio do seu retiro espiritual, levanta a voz potente da da sua alma maguada.

Faz-se ouvir na «imprensa» e alli appella para a humanidade. Mostra a pureza das victimas sacrificadas, prova a justiça da sua causa, e referindo-se aos criminosos, ataca-os com a verdade e com o direito. Verdade que elles não amam, direito que elles enlameiam. E ahi em cima, no altar glorioso da «imprensa» sobem os carrascos a calar a voz do pensamento.

Então se forjam leis de imprensa: então se encarceram espiritos num circulo apertado de bayonetas.

E assim fica a verdade por dizer ás multidões perseguidas por dois inimigos furiosos e prepotentes, que em conluio fraternal, se coadjuvam no roubo, se irmanam no assassinato.

Esses inimigos todos os conhecem, porque teem ouro, e no nosso seculo só o ouro brilha, só o ouro tem virtude.

A Egreja e o Estado.

A Egreja rouba, em nome de Deus, e impõe-se pelo terror aos inconscientes, e aos conscientes pela força do Estado.

O Estado rouba pela força mesma, alevantando-se á reverencia dos revoltados pelas bayonetas, e pelo direito divino, pela Egreja á dos resignados, á dos submissos, á dos indifferentes.

A Egreja rouba e o Estado faz calar as victimas.

O Estado rouba, e a Egreja legaliza o roubo, dizendo ser origem divina.

A Egreja e o Estado são, pois, dois sorvedoiros de energias, dois abysmos onde se sepulta o suor do nosso Povo, onde se esconde o dinheiro dos nossos trabalhadores.

Se attritos se levantam muitas vezes entre a Egreja e o Estado, são occasionados á partilha do roubo, são originados num mal entendido.

Amam-se, querem-se, porque neste acto de vontade vae a salvação dos seus interesses.

— A Egreja precisa da sancção do Estado, e este da influencia que a Egreja tem no espirito de tantos inconscientes que formam a colonia dos opprimidos, para que vejam na reivindicação um crime, e um sacrilegio na revolta contra os profissionaes criminosos que seguram o espantalho da auctoridade

A Egreja quer fazer de cada cidadão um cordeiro, de cada ser pensante uma machina sujeita aos seus caprichos.

O Estado vendo nesta disciplina a solemne approvação dos seus principios,.a garantia segura

da sua existencia, defende-a *negativamente* — calando-se aos seus revoltantes absurdos — e positivamente, offerecendo-lhe bayonetas, para amedrontar revoltados de consciencia.

Negativamente, digo. E' triste affirma-lo e horroroso observa-lo. O Estado que vive do Povo e que tem a sua razão de existir na defeza da propriedade do mesmo povo (dizem-no os nossos mentores) consente, em nome de leis que são perfeitas iniquidades, que o explorem que o assaltem, que o desfibrem.

Permitte o roubo, para roubar, deixa impune a especulação, para, por sua vez, especular. E' a sua norma, é a sua conducta. Foi sempre assim, e assim será, até que a hora bemdita da Liberdade sôe na alma do nosso Povo, despedaçando as gargalheiras que lhe manietam todos os movimentos.

Então será feliz. Não se levantarão altares aos despotas, não se formarão apotheoses aos tyrannos.

As desigualdades que os nossos preconceitos comentam, cahirão por terra, a Justiça levantar-se-ha resplandecente, iniciando o seu reinado de amor.

Até lá continuaremos a ter na nossa frente os dois espantalhos — jesuitismo e realeza — que nos encobrem a luz da verdade, que nos extinguem o fogo sagrado da Liberdade.

Até lá, a lucta será continua e tenaz, para que a paz desça aos homens, para que a fraternidade seja um facto.

Até lá, teremos a colonia dos opprimidos sob as pezadas patas de dois inimigos que lhe abafam todos os protestos:

O Estado com os lacaios da côrte, a espalhar

impostos, a fazer *adeantamentos*, a brindar o rei com o sangue das victimas que tombam extenuadas e famelicas; e a Egreja com a canalha de sotaina, a incutir terrores na alma mil vezes infantil do nosso proletariado, a servir-se da sua ignorancia, para o ludibriar com todas as gestações sanguinarias d'uma imaginação selvatica.

A Egreja não quer luz, pelo instincto de conservação. O Estado não quer escolas, porque não tem coragem para se defrontar com os seus inimigos.

Instruir é illuminar e illuminar é apontar a verdade: instruir é rasgar o espesso véo que esconde as bellezas da sciencia, os reflexos fulgurantes do futuro que nos espera cheio de Justiça. Instruir é reprovar o passado e é dos preconceitos que este não legou que está vivendo o clericalismo e a realeza.

Os Scitas estoiravam os olhos aos escravos, para que lhes não repugnassem os serviços, a que os sujeitavam.

A Egreja com toda a canalha jesuitica, para que os seus crimes não sejam reconhecidos, e as suas mentiras descobertas, anda no seu trabalho de sapa, estoirando ao Povo que a sustenta, a vista do espirito, servindo-se do pulpito, do altar e do confessionario.

O jesuitismo é o maior inimigo da instrucção, pois todo elle é trevas, é sombras, é noite. Elle o declara cynicamente, estupidamente.

O Pontifice disse que a Egreja se não pode reconciliar com o progresso, nem com a civilisação, recommendando por fim que se não levem á ordenação seminaristas que communguem ideias modernas.

O virtuoso animal da Guarda declarou em

plena communidade que no seu seminario não aprecia rapazes intelligentes, que intelligente era o diabo e que só este se revoltou!!!

Ha padres que affirmam em familia que só respiram á vontade no meio do Povo que vive na escura noite da ignorancia.

Alguns que se arvoram mentores da nossa sociedade, os dirigentes dos nossos trabalhadores, odeiam, por sua vez, a instrucção, por esta ser indiscreta e imprudente, mostrando as suas faltas, pondo a descoberto as degradações a que descem.

Não haja instrucção para podermos escravisar, para não nos lançarem em rosto as podridões da nossa alma, eis o grito selvagem de tantos senhores que lá no alto passam dominando. Não haja escolas, eis o clamor da realeza, eis o sentir do Estado. Haja instrucção, levantem-se escolas, faça-se luz, eis a voz da *Republica Social* que alem vem descendo pela encosta do futuro, sem privilegios, sem titulos, sem castas, offerecendo liberdade aos escravos, pão aos desprotegidos, aos que vão cahindo victimas da iniquidade.

Mas a escola não basta. Esta forma o cidadão do «Porvir» que não o do presente e este é que temos de formar sem perda de tempo, para tomar parte na grandiosa Revolução social, que marcará uma nova era, em que todos teremos as mesmas dores, as mesmas delicias.

A escola é desprestigiada, enxovalhada, pela egreja, pelo Estado, os fulcros terriveis, onde gira a roldana assassina do despotismo que tem vindo pelos seculos abaixo ceifando vidas, abafando almas, fusilando cerebros. A egreja amancebou-se com o Estado. Querem-se. Amam-se. E'

o auxilio mutuo. Junto duma batina a farda de ministro, a Biblia sobre o codigo, ao altar officiando um bispo, tendo por sachristão o rei menino que sahiu gracioso da carabina vingadora do martyr que milhões de almas santificaram.

A egreja tem a excommunhão. O Estado tem a municipal. A egreja tem jubileus e Te-Deuns. O Estado tem adeantamentos e gran-cruzes.

Entre nós, como em Hespanha. Aqui despedaça-se Ferrer, por crime mil vezes nobre, de pregar verdades que geram revoltados, de evangelizar, altivo e magestoso, contra os tenebrosos principios das Torquemadas.

E' adversario intransigente da sociedade actual, guardada por espingardas, munida de bentinhos, e escapularios.

E' um traidor. Mata-se, e ao lavrar da sentença, surge o jesuita Ugarta de braços dados com o Maura; fraternisam, dão o osculo de paz e concordia, Pio X e Affonso XIII, as figuras amaldiçoadas pela humanidade.

Entre nós um facto bem recente, que traduz a fallencia moral dos nossos bandarilheiros, do bando agourento que esfocinha á farta nas gamellas, enfarinhadas pelo dinheiro do povo.

A questão do bispo de Beja, esta nota sahida tão harmonica do realejo monarchico, repercutindo-se pelas naves das egrejas e pelas camaras lubricas das beatas, veio apertar com mais intensidade o abraço que tem ligado a egreja ao Estado. Já não ha equivocos. E' o clericalismo que impera. O padre Sebastião de Vasconcellos escarra nas leis dessa monturreira pôdre que se chama monarchia nova. Francisco José de Medeiros, com o seu pulso de liberal, e ainda com o archaico respeito ao regimen de fraldas, tenta

obrigar o bispo desobediente e chocarreiro a limpar com as bentas abas da batina o escarro immundo que lançou na constituição que rege, com tanto brodio, a sociedade portugueza.

Elle não se submette. Acima do poder civil, o poder ecclesiastico. E de mãos unidas com o patriarcha, chefe da malta, com o Nuncio, embaixador do papa, rodeados pelo archanjo José Luciano, delegado do paço, responde com uma gargalhada cynica, ao ministro da Justiça. Não obedece, e emquanto o ministro offendido sahe do seu gabinete, Wenceslau abaixa-se estende a immaculada lingua, lava aquella mancha, para em seguida proclamar a santa paz entre a Egreja e o Estado.

Unidos? Quanto melhor. Um desmoronamento e viva a Liberdade!

VI

Bens d'alma

Outra fonte de riqueza, outro manancial para especuladores. Mais um roubo, mais um crime.

«Bens d'alma» lhes chamam!!

Farçantes. Sede iniquos mas não sejaes hypocritas. Sede carrascos, mas não mintaes áquelles que soffrem o cruel pezo do destino.

Eu tambem entrei comvosco nessas scenas melancolicas e tão tristes, e alli estudei a vossa psychologia, alli auscultei a vossa alma mil vezes latrinaria. E' aonde revelaes maior cynismo, aonde mais prostituis as santas intenções do martyr do chrystianismo.

Vós ahi, reverendissimos tartufos, pondes a descoberto as enfermidades da vossa alma, a libertinagem da vossa vida.

Eu que tive de acceitar das pesadas mãos da Fatalidade o despresivel papel de vos seguir os movimentos, junto dos altares, reconheci que sois umas vis creaturas, uns biltres, com o caracter

em almoeda, com a dignidade preza ao ventre sempre faminto.

Sinceridade é para vós lettra morta.

Se vos ordenaes com esta rara virtude, esfarrapae-la, logo que transpondes os humbraes dos vossos presbyterios.

Tive condiscipulos, bons rapazes, companheiros expansivos, creaturas em cujo peito brilhava, atravez das sombras da batina, um raio de sentimentalismo. Mas ordenaram-se, e, não tendo coragem, para reagir contra as forças que a mechanica do meio em que vivem, alimenta, cahiram, deixaram se arrastar na corrente da dissolução moral, e lá seguem mentindo, especulando sempre. E' a logica irrefutavel da malta. E' a ordem escripta para os que buscam agasalho nos peitos quentes, dessa religião de vaidades, de vicios... de crimes.

Ainda ha «padres homens», (*) verdadeiros illuminados, que, virando as costas a *padres bestas* firmam-se nas azas do amôr, e elevam-se até nós, á athmosphera que tem por oxigenio a verdade, a luz por azote, por orvalho a consciencia.

Padres que comprehendem a magestade da religião e sentindo que os preceitos humanos se compendiam nestas palavras singellas como sublimes — amae-vos uns aos outros — manifestam-

(*) Era este o juizo que formava de muitos padres que se escondiam á sombra dos altares. Mas de deducção em deducção, e por contra provas tiradas aos mais dignos, cheguei á conclusão de que os simulados são os mais criminosos, cobardes em principio, dão-se bem em qualquer meio, familiarisam-se com todas as ideias com os olhos fitos nos seus interesses.

no com toda a pujança do seu caracter, com toda a franqueza da sua crença.

São verdadeiros apostolos do bem.

Para obrarem, escutam a voz da razão, para deliberarem, auscultam a consciencia. Mas estes eleitos, ou resuscitaram apoz a ordenação e então soffrem em silencio, vivendo a sós com o seu credo, como verdadeiros martyres, como o revolucionario de Meslier, o Cura que deixa á verdade os hymnos que a sua alma não poude cantar, como grito de revolta contra todas as mentiras religiosas ; ou ordenaram-se já com o cerebro saturado de Luz e permanecem em campo de lucta reagindo contra a canalha que evoca Deus, para justificar o roubo, e desce á Egreja a saciar os seus alarvados instinctos.

Esses que dignificam a religião e vão ao Passado prescrutar as intenções de Jesus, rareiam, são poucos, constituindo uma força quasi nulla, ao lado dos cretinos, dos chatinadores de caracter, dos safardanas que vivem da mentira, que ahi estão a cada hora a apregoar bentinhos, rezas, milagres...«bens d'alma»

«Bens d'almas»! Mas o que é? qual a origem? qual a sua razão de existir? São estas as perguntas que saltam ao meu espirito, sem que possa dar-lhes uma resposta satisfatoria.

Apregoam-nos, impõe-nos, á maneira de tributo a toda a sociedade catholica, e não catholica, eis o movimento duma critica o valor duma discussão.

Criticar, discutir esse cumulo de maldades que recebeu, por euphemismo, o nome de «bens d'alma». Essa coisa horrenda e miseravel que ahi está com consentimento das leis do Estado, a sangrar orphãos, a tornar mais pezado o lucto

duma familia proletaria, a levar fome aonde existe a viuvez, onde ha dôres, onde soam prantos.

. . . . . .

Era numa dessas manhãs do estio placidas e lindas em que as canções humildes dos camponezes se reflectiam nos canticos das aves, compassando o harmonico concerto da natureza. O sol espreguiça-se, despertando alegre, a saudar os trabalhadores do campo, que, mãos calosas, enxada ás costas se dirigiam aos ministerios do seu trabalho.

Um monte de nevoa densa escondia um presbyterio, roubando a communicação com a pequena aldeia em festa. Um silencio profundo reinava juncto dos altares, cortado de momento a momento por um soluço tormentoso, sahindo do peito duma humilde familia que, de alma marejada de lagrimas, pranteava uma pessoa querida, um pae que tinha violentamente fugido á lucta da vida, para entrar na transformação rigorosa da materia. Era o dia marcado para a tragedia «dos bens dalma», meia duzia de castrados apparecem com o aspecto que traduzia bem uma noite de embriaguez.

Principiam as manobras criminosas e hypocritas.

De principio ao fim uma gargalhada indecorosa, gracejos alarvados, não cumprindo sequer a disciplina traiçoeira da egreja, nem respeitando o luto daquella familia. Terminando o ultimo acto, dirigem-se para a sachristia, estorcendo-se em alegria vejetativa, emquanto um miseravel operario, esfarrapado, com a fome estampada no rosto, confia a um coroado uma bolsa cheia de

prata. Era a paga. Todos o saudam, mas faltando uma corôa, imprecações e injurias alvejam o nosso irmão roubado.

Logo que satisfeitos, dirigem-se á residencia do parocho, onde se banqueteiam fartamente, chasqueando no meio do nevoeiro alcoolico que agasalhava os craneos barbeados.

Emquanto aqui reinava o prazer de hyena, a ebriedade, a bastança, lá em baixo, na Caverna da familia proletaria ainda em dôr, soavam os gemidos da mizeria, não havia pão, não havia vida.

E assim terminaram os bens d'alma, a grande receita que, por meio do ridiculo e hypocrisia, essa gentalha infame retira das *economias* do Povo, quando está envolvido em crepes, o coração ferido pelo selvagismo da dôr. E o Estado consente tudo isto, que revolta, a sua religião! As suas leis, as suas bayonetas estão de sentinella a defender a miseravel seita que para ahi anda, com a mentira nos labios e com o odio na acção, a augmentar o luto do trabalhador, a multiplicar-lhe o expoente do soffrimento com especulações revoltantes. Quem ha-de então conclamar, soerguer-se a proteger os perseguidos?

Só tu, Povo, só nós bastamos para civilisar tantos selvagens, tantos cretinos avaros, que em longa caravana, fazem as suas caminhadas funebres nos arraiaes quentes do analphabetismo.

Só nós, Povo, temos força para acabar essa familia parasitaria. E' querermos com firmeza, com altivez, é agitarmos os nossos musculos, sacudirmos o nosso fato, que elles virão a terra, como os insectos venenosos cahem da arvore que sugam, ao mover-se com as fortes rajadas do vento. E, cahidos, cuspamos-lhe de cima, a co-

roar a sua obra, a galardoar os seus serviços. Não esperemos chefes, não olhemos para as leis dos legisladores. Procedamos sem demora por nossa iniciativa, contra os abusos, contra a existencia dum luxo que nos empobrece.

.....

«Bens d'alma», são os taes officios que aldrabam, como eu tive a ominosa desdita de observar, os quaes estão divididos em «*turnos*», compostos de nacos de latim, ruminado sempre com ares cynicos.

Teem um regulamento engendrado pelas mãos da egreja, e acolhido pelo bandidismo do Estado, o qual diz que todo aquelle individuo que deixar, depois da sua morte, bens no rendimento de cincoenta mil réis (?), transmitte, ipso facto, aos seus herdeiros a restricta obrigação de lhe mandar rezar officio completo, recebendo, por tal serviço quinze a trinta mil réis, quantia já sufficiente para a compra de um bom logar lá em cima no paraizo das delicias! Se o rendimento fôr inferior ao estipulado, mas que orce por nove mil réis, tem direito a algumas orações, dizem os reverendissimos justos.

Vem depois a seita piedosa com ares hypocritas e vistas de harpias, arvorar-se procuradora dos mortos, obrigando os vivos a fornecerem-lhe dinheiro para a ociosidade, argumentando, confessando ser o tal elixir milagroso, indispensavel para a tranquillidade das almas, e para a aquietação das coleras de Deus.

Podem justificar-se os «*officios de corpo presente*» como uma maneira social de se prestarem as ultimas homenagens a uma pessoa querida, a

um membro da nossa familia, que entrou na transformação da materia.

São estas honras funebres que ainda hoje se fazem a muitos individuos que viveram desligados de qualquer seita religiosa, e que deram o ultimo adeus á luz da vida, sem se curvarem aos preceitos da egreja catholica. E, se consultarmos até os inspiradores e dirigentes da parada de coroados, em volta d'um ataude que agasalha os restos mortaes de algum livre-pensador, de algum atheu, dir nos-hão que é a ultima homenagem que se lhe dirige, que é emfim um meio de se traduzir o sentimento de veneração.

Mas, quanto aos chamados «bens d'alma», não encontro razão justificativa, mesmo entrando pelos dominios da crença e vasculejando todos os ensinamentos da egreja. Senão vejamos :

O jesuitismo defende e aconselha o tal remedio milagroso, como Emulsão de Scott e agua purificante de Vidago, allegando que é indispensavel para que Deus ! perdôe as faltas commettidas neste valle de lagrimas ; clama que a alma só poderá dar entrada no paraizo das delicias, depois de rezados e cantados os taes officios, e que sem os quaes se ficará a penar por tempo indefinido, antes da posse da felicidade summa. Ora esta razão não vinga, senão para alguns parvos crendeiros, porque depois accrescentam que terá officio completo aquelle peccador (sic) que deixou rendimento no valor de cincoenta mil réis.

Então em que ficamos, oh ! chatinadores, são necessarios para todas as almas, ou só para aquellas que disfructaram riquezas, que legaram aos seus parentes cofres com algum ouro ? !

Se são necessarios para todos os membros da

egreja, como remediar aquelles desgraçados que não deixam um pão sequer para os seus filhos?

Então um miseravel que teve na vida um prolongado inferno, que não conheceu no mundo a alegria que dá forças, que ás refeições apenas avistou a fome, não terá direito a entrar no Céu que vos farta, como qualquer rei que num dia lhe rezam centenas de missas?

Para serdes logicos, devieis, reverendos, celebrar aquelles officiozinhos por pobres e ricos, virtuosos e peccadores; e exigir o vosso imposto, daquelles que podessem pagar. Assim já muitos vos acreditariam.

Mas reza-los só pelos que teem a dita de legar algumas terras, de deixar um testamento carregado de ouro, é affirmar que no outro mundo se deixam subornar por dinheiro, que a justiça divina tambem se compra, como se faz nos nossos tribunaes, e que vós sois os procuradores de S. Pedro. Não é ridiculo? E' ; vós o dizeis em familia, vós sabeis escarnecer daquelles que se approximam com a ingenuidade na alma, inconsciencia na crença.

Sim vós não acreditaes, e se não sois estupidos, mostrae-vos umas creaturas infames, uns hypocritas criminosos que sem uma lagrima, roubaes ao Povo as suas economias nesses dias de tristeza e lucto, em que só vós ris, porque estaes chupando a energia dos trabalhadores, que vos mantem na ociosidade.

Não podendo allegar effeitos que não teem «os bens d'alma» talvez queiram fazer d'elles uma homenagem funebre, uma veneração pelos mortos.

Aqui ainda palpita a incoherencia, e a insensatez, porque se taes officios servem para honrar,

saudar *as almas* que se desligaram da materia, essas honras e essas saudações devem ser feitas voluntariamente pelas familias, pelas pessoas que foram queridas dos mortos.

Mas não, vós não attendeis á vontade dos vossos freguezes, e desde o momento que tenham alguns canteiros de terra, obrigae-los a pagar, quer assistam ou não a essa jeremiada que entoaes em volta dum pedaço de panno negro.

VII

Politica e Religião

Emquanto dos velhos e já gastos partidos rotativos vão fugindo individualidades para militar ao lado dessa nobre phalange portugueza que tem, por missão mil vezes sublime, soerguer a nossa patria até ao nivel das nações civilisadas, acabando de vez com o «morgadio de Bragança», e declarando o povo de maior edade, para bem governar a sua casa, um outro «partido, com sangue de creança e coragem de velho», parece querer mostrar as unhas, a fim de exhumar, os despojos de mentiras e preconceitos, que a «evolução do bem» vae deixando sepultados, depois da opinião publica lhes rezar o officio de agonia.

Emquanto milhares de espiritos ajoelham extaticos em face do infinito, supplicando com a reverencia que gera o retiro animico, novas formulas, por onde a humanidade se possa alimpar do escalracho do odio, que vegeta em qualquer canto da sociedade; emquanto milhares de ima-

ginações, nos seus arrojados ensaios, gizam moldes mais simples, por onde os povos se possam dirigir, para tombar as fronteiras moraes que separam as diversas classes; emquanto, emfim, grandes irmandades de almas relanceiam a vista para o futuro que ha-de matar a fome aos famintos de justiça, um grupo de insensatos levanta lamurias e imprecações contra os triumphos da razão, contra as victorias da democracia e esforça-se por dar vida ao passado, por resuscitar o brutal «absolutismo» que levantou patibulos, que abriu carceres, que aperfeiçou inquisições.

Quero-me referir ao «nacionalismo», partido de esfaimados hypocritas, irmão desse miguelismo que passou á historia, depois de deixar muito sangue, muitas lagrimas, muita miseria, partido de sachristas que julga viavel a fundação dum governo de auctoritatismo de privilegios, dum systema de classes, num paiz que está substancialmente democratisado, que tem na alma um credo civico, formado de verdades puras, de sentimentos nobres, de ideias grandiosas.

Não, o «nacionalismo» não se propõe a salvar a patria, illuminando-a, mas obscurecendo-a, não tem em vista dar as mãos ás reivindicações do nosso Povo que quer, porque pode, mas virar-lhe as costas, quando reclama liberdade, quando supplica o usufructo dos seus direitos que são santos, que são legitimos, porque dimanam da sua mesma substancia, porque proveem da sua propria soberania.

O Povo é soberano, e como tal, não deve acceitar insultos, não deve humilhar-se aos pés de despotas que transponham os sagrados limites dos seus direitos, a cercear a sua acção, a manietar as suas faculdades, a conspurcar-lhe a dignidade,

mas tão sómente aproveitar-se da sua força que é poderosa, e vir a campo da lucta, exigindo, e exigindo sempre o que aleivosamente lhe sonegam, o que barbaramente lhe roubam.

E' do coração do nosso Povo que, espadana a energia das nações, o vigor da sociedade, a riqueza dos potentados. E' delle que vem todo o poder, toda a belleza, toda a alegria, todo o amor. E' na sua alma que está compendiada a doutrina que ha-de espargir affectos, que ha-de cimentar fraternidade.

Que fazer, pois? — instruil-o, leval-o á comprehensão do seu alcance, da sua força, para que use della conscientemente e só d'esta arte teremos attingido o bem da nossa patria que vê na sua frente um estandarte negro, carbonisado pelas fogueiras do odio, o qual annuncia a presença do jesuitismo do... nacionalismo que quer governar, que já quer mandar.

Instruir é democratisar, porque instruir é amar, e o amor é pedra angular, sobre que assenta a verdadeira democracia.

E' instruindo, é amando que se espiritualisam os povos, e a espiritualidade é mãe carinhosa que agasalha todas as virtudes.

Instrucção, amor, espiritualidade, eis o que se deve espalhar ás mãos cheias, sobre o campo vasto da nossa sociedade, para que entre os povos possa reinar a paz, justiça, abnegação e altruismo.

Mas que promette fazer o partido *nacionalista?* Salvar a patria!! «eis o desideratum do nacionalismo» espalham aos quatro ventos os seus marechaes coroados.

Mas salva-la de quê? qual o seu mal? como evital-o?

O seu mal, o mal profundo está no analphabetismo, na ignorancia do Povo, porque se elle acompanhasse com a sua intelligencia as phases da nossa administração, visse as immoralidades que se perpetram no calmo silencio das nossas instituições, e se se convencesse ou chegasse por sombras, á persuasão de que o producto das suas contribuições vae alimentar a vaidade dos nossos estadistas, e empavoar uma familia privilegiada, com certeza se teria agitado, protestando contra os abusos e arbitrariedades que teem lançado o nosso paiz num cahos de descredito, perante o mundo civilisado.

Se fosse instruido, se desfizesse esse encanto de indifferentismo, que o envolve, e subisse acima a examinar a marcha dos nossos governos, as irregularidades consentidas, os previlegios em quarto crescente, a lei só para os pequenos, a justiça postergada, ter-se-hia levantado até á altura da sua força que é poderosa, para clamar, em voz altiva e energica:

Cautella, senhores politicos, não delapidem o que lancei nos cofres do Estado, que ainda me pertence, porque é da patria; não gerem logares para os seus afilhados, não se afastem muito da minha individualidade, porque senão... não... não ficarei indolente, nem tolerante resignado, servir-me-hei do meu valimento, e escolherei quem melhor me dirija, quem faça justiça ás minhas reclamações.

Mas elle, rude e inconsciente por ser ignorante, lá vive indifferente á evolução da nossa politica, não se envolve nas questões sociaes, não entra em assumptos estranhos á lavoura, e por isso, deixa em paz as instituições que nos governam, não se prende com a vida dos nossos ho-

mens publicos, dando-lhes tempo, para fazerem uma nefasta obra, para satisfazerem caprichos, para cevarem egoismos, para abrirem caminho largo ao absolutismo que representou a tragedia do Terreiro do Paço.

O povo que não sente, porque não está instruido, porque tem o cerebro obscuro, cheio de sombras, aspira a viver uma vida socegada, não se dá bem com agitações, prefere obedecer e ficar esmagado com impostos, com medidas repressivas, a intrometter-se nos negocios do Estado, a perguntar «os quês e porquês» duma lei, dum projecto, ou duma nova exigencia.

Obedece, eis tudo. Deixem-no a sós com o campo, e pratiquem todas as injustiças, roubem-lhe até a camisa nas dobras das contribuições, que elle abençoará a tranquillidade, prestará homenagens aos mandatarios da nossa sociedade.

A ignorancia leva a insensibilidade até ao amago da nossa alma, e ente que não sente, é um ente que não reage, que não obedece, é um ser submisso, que segue qualquer guia, resultando d'aqui o anniquilamento da sua individualidade.

E' assim a maior parte do nosso Povo e as consequencias ahi estão bem patentes — uma administração safada, um estado financeiro desgraçado, que está sendo alvo da critica na imprensa de toda a Europa, um credito pouco promettedor, e um futuro vago, tenebroso, indefinido.

O mal, o mal profundo da nossa patria, a doença que a corroe e a prostra num escuro e tenebroso leito de descredito perante o mundo civilisado, está na falta de instrucção, na falta de educação civica, porque o Povo, estando a debater-se nas trevas da ignorancia, não se prende com as medidas, postas em pratica pelos gover-

nos, não critica os seus actos, por os não alcançar, não forma um juizo, sequer, dos escandalos que dia a dia, se vão registando á sombra das nossas instituições e os effeitos ahi estão a saltar á vista de qualquer observador — *injustiça, immoralidade, e despotismo.*

Mas, se o Povo tivesse o cerebro illuminado pela instrucção, e o coração quente pelo calor vivificante da sciencia, dar-se-hiam esses protervos insultos á *liberdade*, á consciencia nacional, cuspir-se-hia nas faces meigas da Justiça?

Não, não o creio, porque, ao primeiro acto de represalia, despertariam revoltados e com um brado confundiriam os carrascos que suspensos nas negras e sinistras azas do poder, affrontam o nosso Povo, enlameiam o brio de milhares de cidadãos que anceiam por uma patria nova, cercada de luz, cheia de amor.

Se só instruindo se pode salvar a patria dos males que a affligem, caberá a victoria do seu resurgimento ao partido que se lançar a espalhar luz, muita luz de instrucção na alma ingenua de tantos analphabetos que não idealisam, que não pensam.

Qual será, pois, esse partido?

O partido nacionalista, não, porque os seus dirigentes fogem da luz, não apreciam meritos intelectuaes, querem vêr uma virtude inconsciente, um apego brutal aos brutaes ensinamentos do jesuitismo.

Odeiam toda a sciencia que não tenha por objecto o seu Deus, por a defeza de principios velhos, e já gastos pelo tempo, dos quaes a humanidade vae fugindo de um modo lento, sim, mas continuo.

Dizei-me, caros leitores, que teem feito os

«centros» que, com tanta agua benta, e com tanto alarme, se levantam? que dizem os seus iniciadores? que promettem fazer? que lavram nas suas actas?

Fallarão em instrucção? Que o diga esse execrando partido que conta já alguns annos de existencia, que confesse a cruel verdade de que nos seus «centros» ainda se não abriu uma escola, ainda se não levantou um espirito a semear luz, ainda não suou um louvôr á «liberdade» nem se harmonisaram dois sons em prol da classe mil vezes opprimida do Povo nosso irmão, que é a victima eterna d'um governo que lhe espezinha o organismo com insolentes exigencias, e d'um altar que lhe ennegrece a alma com todos os farrapos do jesuitismo especulador.

De quando em vez, congregam-se algumas dezenas de politicos piedosos, formam em linha de combate toda a rhetorica, afinam toda a sua eloquencia e começam logo a fallar de religião, a dirigir os maiores ataques contra essa irmandade de espiritos, que vive em cima, n'uma atmosphera de consciencia, de Justiça, de amor, deixando a um canto os problemas que preoccupam a nossa patria, passando uma esponja de vilipendio, se não de ignominia, sobre as reivindicações de tantos submissos que supplicam o pão sagrado da *liberdade*.

Nos seus congressos, não se discutem a serio formulas novas em que deva ser fundida a nossa velha organisação politica. Alli trata-se de cimentar odios vingativos contra os chamados jacobinos, contra os liberaes, e, para que melhor satisfaçam os rancores duma alma baixa e mesquinha, defendem a centralisação do poder proclamam o absolutismo, advogam o «passado» com

todas as maldades, com todos os fanatismos, com todos os crimes, camartellando o «presente», temendo o «futuro» que já além vem entoando os hymnos angelicos da Fraternidade.

As suas conferencias, os seus comicios, teem só em vista descobrir os inimigos da religião que elles professam, que não tratar d'um programma politico, sendo mais um partido de classe, do que uma força patriotica, em engrandecimento do nosso paiz, em aperfeiçoamento da nossa sociedade.

O nacionalismo é o jesuitismo a estrebuxar, é o jesuitismo a revolver-se em crises de odio contra as fagueiras promessas do *futuro*, é o jesuitismo a arrogar-se politico, para mostrar o que pode a vingança mais cruel, é a seita negra a vomitar asquerosidades sobre a alma branca da nossa patria, na qual já se vêem a soerguer os principios sacrosantos do sacrosanto evangelho da democracia, que é o evangelho do amor. O nacionalismo é o passado com todas as suas protervias, com todos os crimes mais hediondos, com todas as affrontas, porque é o absolutismo a resurgir, é o direito divino a legislar, é o privilegio revoltante a espreguiçar-se.

E' certo que nas columnas dos seus jornaes e bem assim nos seus religiosissimos congressos sôa a palavra mil vezes excelsa—democracia—mas isto visa a engodar incautos, especular com a ignorancia do nosso povo, porque elles dirigem todas as suas baterias contra a soberania popular, assestam todos os seus canhões contra os seus mais dedicados apostolos. «O povo que obedeça que se vergue ao nosso mandato, que se sujeite ás nossas prescripções, que veem de Deus, que já é bastante, para dar signaes de vida», eis

a synthese da sua politica, que é a jeremiada do jesuitismo, rancoroso e intolerante.

Não haja illudidos, não haja enganos.

O nacionalismo é o jesuitismo com todo o seu A. B. C. condemnado na historia, anathematisado pela humanidade e odiado dos povos. Não haja descrentes, não haja sobre esta verdade axiomatica a mais leve duvida.

Entremos, entremos nos seus bemaventurados comicios, escutemos o que lá se diz, porque é a prova real da minha affirmação. Aqui apparece um *Bivar* advogando a *necessidade d'um pamphleto carregado de pinturas de santos;* alli berra, qual esquentado possesso, um Benevenuto, dizendo que o *padre liberal é a vergonha da Egreja e a ruina da religião;* além levanta-se um outro, amaldiçoando a instrucção e proclamando o estado de ignorancia para que a má imprensa! não tenha leitores; além ainda, outros, como um **Lages,** atacam n'um côro de applausos, a liberdade na pessoa dos seus adversarios, apodam de criminosa a tolerancia da nossa civilisação.

Intolerancia, escravidão, odio, trevas, eis o nacionalismo, eis o jesuitismo, eis um escarro que o passado está a lançar no peito magestoso da nossa patria.

Corramos aos seus congressos, aos seus centros, vejamos, caros leitores, o que escrevem nas suas *actas*, ouçamos os topicos dos seus discursos, para melhor nos certificarmos de que o nacionalismo não é um partido patrioco, que se proponha entrar na cruzada nobre de soerguer o «paiz» ao nivel das nações cultas, mas tão sómente uma politica de classe que tem, por alvo, engrandecer-se, e acabrunhar os espiritos feitos de luz, que lhe rasgam a mascara de hypocrisia, que lhes

põem a descoberto os rancôres que alimentam num coração egoista e reles.

Este partido não se preoccupa em achar a «incognita» do problema nacional nem tão pouco sonha em se elevar ás culminancias do poder, para dirigir a nossa patria pela senda da verdadeira civilisação, tem apenas por missão, defender os seus interesses, engrandecer a Egreja, elevar ás alturas ethereas a religião que professam que é religião do odio, do obscurantismo, da perseguição, da vingança e não a religião social, que é toda amor, toda bondade, toda justiça.

Bastar ler a sua imprensa ou auscultar os seus mais dedicados servidores, para logo tirarmos a humilhante illação de que o «nacionalismo» é um partido de sachristas, moldado pelo credo jesuitico, o credo dos especuladores da crença popular, dos que vivem á custa do analphabetismo, á sombra da inconsciencia de tantos famintos de instrucção.

Poderia haver illudidos, antes do dictador liberticida, d'esse tyranno que quiz calcar aos pés a alma nacional, mas essa illusão desappareceu, essa duvida desfez-se pela attitude que tomou esse neo-partido, em face das medidas sanguinarias, adoptadas pela alcateia franquista, para suffocar a voz da liberdade, que soava no peito da sociedade portugueza.

O conluio com a seita franquista veio traduzir os sentimentos de que está animado, veio ostentar ao publico o odio, o rancôr sempre crescente, que arde na alma dos seus dirigentes.

Quando João Franco, em habitos penitenciaes, andava em propaganda, fazendo juramentos solemnes hypothecando a sua *palavra de honra,* pregando aos quatro ventos que havia de fa-

zer uma leal administração, que havia de pôr em vigor um programma rasgadamente liberal, os nacionalistas chamam-no *Combes* portuguez, e uma folha clerical dá-lhe o agradavel e singular nome de anti-christo, de revolucionario jacobino; quando nos primeiros dias do seu governo cortejou, ou simulou cortejar a *liberdade*, o «nacionalismo» rompeu em bravatas brutaes, dizendo que era a maçonaria a inspirar, o jacobinismo a legislar em Portugal. Mas João Franco falta aos seus juramentos, deixa a *palavra de honra* por resgatar, opprime, espezinha todos os direitos, rasga em pedaços a constituição que só se enraizou depois de beber muito sangue, depois de sorver muitas lagrimas, põe espingardas em volta do pensamento, encarcera espiritos golpeando mortalmente a imprensa, e então o nacionalismo, abre-lhe os braços, levanta-se radiante, chamando *ávante*, applaudindo, applaudindo sempre, n'um enthusiasmo insano, todas as violencias perpetradas, todos os ataques feridos contra a lei, contra a justiça, contra a humanidade.

A's perseguições succedem novas represalias, e o «nacionalismo», excremento na nossa sociedade, esfrega as mãos de contente, saudando o *absolutismo*, aclamando o tyrano liberticida. A dôr mais cruciante, a tortura mais cruel atormentam o coração de tantas familias que n'um justificado desespero, vêem arrebatar do seu seio os entes estremecidos, que depois vão soffrer os rigores dos carceres immundos e sombrios, onde a alma estremece, onde o coração arrefece, e o «nacionalismo» salta contente e alegre, levantando ovações freneticas aos barbaros attentados á liberdade, á justiça, á dignidade. Milhares de familias choram de angustia, em face d'um san-

guinario *decreto* que ameaçava com Timôr com presidios, com a morte lenta, os apostolos do bem, os mensageiros da verdade, e o «nacionalismo» rompe de diversos cantos, approvando e já cantando victoria, por sentir triumphar o «passado», por ver resurgir o «absolutismo».

Ha lagrimas, ha luto, ha dôres, ha choros, ha gemidos e o «nacionalismo» veste-se de galla, eleva ás alturas o dictador liberticida, o tyranno cynico e arrogante. Supplica-se perdão e este partido clama por castigo.

Mendiga-se amnistia e — elle — que diz professar a doutrina do amor, aconselha torturas, aconselha vinganças, odios, perseguições. Pede-se tolerancia e logo os seus proselytos pregam intransigencia... a guerra, sempre a guerra contra os que se riem da sua seita, contra os que refreiam os seus desmandos.

Será sempre assim, porque é assim a alma do «jesuitismo» d'essa seita cosmopolita que especula com a crendice popular que, convertendo o templo em barraca ambulante, vende a retalho, as defecações d'uma doutrina anti-racional, á inconsciencia, á ignorancia, á miseria intellectual.

O «jesuitismo», conhecido hoje na politica portugueza, pelo nome de «nacionalismo» tem sido um cruel inimigo da nossa Patria, uma nuvem negra do céo azul da nossa independencia, não vacillando nunca em attentar contra o nosso brio de portuguezes, quando trata do engradecimento da sua raça mil vezes sanguinaria, quando espera usufruir um regalismo desenfriado, ao silencio d'uma *constituição* já odiada dos povos, já condemnada pelas forças da opinião publica.

Essa canalha *coroada* que por ahi salta deante dos dirigentes do «nacionalismo», ao rufar dos

seus principios, das suas promessas, do seu programma, não attende ás exigencias das nossa sociedade, não sopezas as reivindificações da civilisação, não levanta os olhos para a nossa Patria que quer tomar assento ao lado das nações cultas, mas tão sómente visa a defeza da sua *cadeira parochial*, o augmento dos seus ordenados, a remodelação das suas *congruas*, formadas na mór parte, á custa de espoliações, de roubos descarados, porque é espoliar, é roubar, coagir um cidadão a pagar para sustento d'um funccionario d'uma religião que não acceita, que não professa.

Esses padres que se vão alistando no *nacionalismo*, não sentem imperar na alma um sentimento patriotico, não sentem a divirgir no cerebro uma ideia nobre.

Elles vão, porque um egoismo derrancado os aconselha, porque o bem do estomago o exige. E' o interesse puramente individual, que movimenta a mór parte do clero em volta do *nacionalismo*. Uns que não teem energia para ficar silenciosos á circular d'um bispo ao chamamento d'um *motor* jesuitico apressam-se a affirmar a sua fé partidaria, por recear perder o *seu ganha pão* ou ensejo favoravel para alcançar uma egreja mais rendosa, ou passar á vida privada. Outros obedecem, por julgar este partido disposto a alimentar os seus caprichos, com forças para satisfazer as suas aspirações simplesmente materiaes, levantar altares, muitos altares, e, á sombra d'estes, augmentar as «congruas» com os suores do nosso innocente Povo, com as energias potentes do nosso solicito proletariado.

Vem a proposito exarar aqui a substancia d'uma conversa que ouvi a alguns padres em materia politica. — Diziam elles.

«Nós devemos ser unidos, abandonar os partidos rotativos que são partidos liberaes, e portanto nossos inimigos, o que se evidenceia pelo ostracismo a que teem condemnado a nossa classe, callando-se quando ella supplica mais alguns interesses, e seguir com enthusiasmo a nossa politica, o «nacionalismo», a unica que póde melhorar a nossa situação e perseguir com energia os nossos adversarios» Eis o ideal, eis o programma. Querem *ouro,* querem guerra; querem *ouro*, para que sejam mais variadas as scenas de prostituição. Querem *ouro*, para que seja mais aperfeiçoado o seu regalismo. Querem *ouro*, para melhor escarnecerem dos humildes, dos famintos, dos perseguidos do destino.

E querem guerra, guerra sem treguas, aos adversarios do seu systema, aos inimigos da sua escola pharisaica, que são os amigos do povo, os obreiros do bem, os combatentes em prol da Humanidade.

Patria! que lhes importa a Patria?!

Elles não a estremecem, não lhe prestam um culto ferveroso e desinteressado.

Vendem-na, quando reclamam o engrandecimento da seita, atraiçoam-na, quando o seu utilitarismo isto aconselha.

Portugal foi vendido ao ouro de Castella, porque Filippe II, casado com Maria Tudor, era affecto á Egreja, obediente aos gestos de Roma.

E hoje vendel-o-hiam, se podessem, ao primeiro *soberano* que apparecesse no mercado com a boa vontade de se vergar aos dictames da canalha jesuitica e de acabar os seus conscientes adversarios que consubstanciam a alma nacional, que formam o brilho da sociedade portugueza.

O seu patriotismo acompanha os seus interesses. Resfria onde estes são cerceados. Aquece, onde se elevam escandalosamente acima da Justiça, acima da equidade.

No nosso paiz, como em toda a parte; hoje, como sempre. Terra que trilhem, torna-se esteril em sentimentos de abnegação. Nação, por onde passeiem, vê-se n'úma atmosphera de oppressão, bem funesta á vegetação de flores de civismo, flores de tolerancia, flores de affecto, flores de amor.

Elles se queimam incenso, é em volta de tyrannos, de liberticidas, de verdugos, de inimigos da soberania popular. Os odios, rancores brutaes e sanguinarios, alimentam-nos contra os soldados do bem, contra os verdadeiros patriotas que são essas excelsas irmandades de espiritos, que consagram a vida á cruzada santa de salvar os pequenos, os humildes, das exigencias dum altar, das prepotencias dum throno. Para elles é nobre um rei como D. João V, a quem chamavam—*o grande em Israel*,—porque levanta templos, porque dirige para Roma caudalosos rios de ouro, porque arruina, delapida os nossos dinheiros, em beneficio da sua seita, a variola asquerosa da sociedade, escalracho da Humanidade. Mas é repellente um soberano como D. Pedro IV,—que combateram com ferocidade selvatica, quer subindo aos pulpitos, a semearem a discordia, o odio, a rebelião no espirito do Povo, quer descendo ás praças publicas a mostrarem, com um crucifixo na mão, serem licitos, bem dignos e abençoados de Deus, os roubos, os assassinatos e os estupros, commettidos nas familias que não acompanhassem o patriarcha do *absolutismo*, systema este, em que se alicerça todo o

edificio jesuitico, onde se escondem tantas perversidades, tantas prostituições, tantos crimes.

Em todos os tempos, os jesuitas teem assaltado o organismo da nossa Patria, tentando desfibral-o pelo charco immundo do fanatismo, de inconsciencia, para melhor pôrem em pratica o seu systema de vinganças e intransigencias.

Em todos os tempos teem ensaiado ataques de odio contra as individualidades mais imminentes de Portugal, imminentes pelos sentimentos do coração, imminentes pelas relevantes qualidades de alma.

A sua obra é de *sapa*, mas constante, visivel, palpavel pelos seus effeitos.

Teem luctado, luctado muito para se enroscarem aos thronos, para se apoderarem da consciencia dos *soberanos*, para que a religião dos estados seja extrahido dos seus principios jesuiticos.

As nações latinas foram assombradas por esse bando agourento de aves famintas que se aninham onde encontram trevas, onde o sol da verdadeira sciencia não aqueceu as almas, não illuminou ainda os espiritos. Mas os tempos mudaram, o relogio da civilisação marca hora já alta, e elles, sentindo-a soar, mudam de armamento, ajuntam á hypocrisia que é a sua essencia, o cynismo, á perversidade a *ousadia*, que hão-de pagar com *usura*.

A França lançou-lhes o «repto». Acceitaram-no, mas ficaram vencidos, allegando elles, para se justificarem, a falta de união que havia nos seus membros.

Na Italia não lhes vae melhor. E vendo quanto as suas ambições vão sendo refreadas pelas leis da «evolução», attendendo á attitude

de milhares de espiritos que vão pela sociedade álem, n'uma irmandade santa, entoando hymnos á *liberdade*, appelam para todo o clero, supplicando, de mãos postas, que não os desprezem, que unam fileiras, que combatam contra os partidos liberaes, inimigos de Deus e da religião!!

O nacionalismo toma nova phase. Absorve os outros partidos, domina-os, porque os encontrou fallidos. E' já a propria monarchia. Dá ordens no paço. Veste-se de sotaina, usa farda. Manda nas casernas. A policia é guarda portão dos conventos. A politica gira em volta da cruz, tendo por gabinete as sachristias.

VIII

O Deus de Roma

As divindades brotam quasi sempre do Terror e o Deus das sachristias, filho legitimo da maldade humana, o mais sanguinario e despotico, querendo impôr-se aos devotos com as baterias da sua colera, tem na vida um largo cadastro de crimes, ameaças, e vinganças.

Confirmam-no os «livros santos», a boa imprensa, e piedade inconsciente dos seus servidores.

O estado mystico e metaphisico d'um povo está na razão directa da sua ignorancia.

Quanto mais escravisado estiver a preconceitos, tanto melhor para o padre que consegue verga-lo a todas as mentiras, incutir-lhe todos os terrores do sobrenatural.

O habitante das florestas, o indigena dos bosques, o selvagem da America ou papuas da Occeania, guiados simplesmente pelo instincto de conservação, ajoelham á voz da natureza, adorando astros, o firmamento, o sussurrar do vento,

o rugir do trovão, o fusilar do raio, toda essa lucta constante que, no espaço convertido em largo laboratorio, a materia sustenta, modificando-se e transformando-se.

Esse miseravel que observa o sublime espectaculo, a agitação perenne da natureza, amedronta-se, esconde-se nas cavernas, ou levanta as mãos em supplicas de perdão, vendo em todo o movimento a marcha accelerada de phantasmas horripilantes.

O missionario approxima-se, de rosario nas mãos e cruz ao peito, e diz-lhe sarcasticamente: E' Deus que manda as tempestades.

No terror se crearam as divindades, no abysmo dos sobresaltos se erigiram altares, se adoraram os santos. Venhamos para mais perto. Os povos civilisados ainda teem os seus sertões.

O sol do progresso que vae subindo no meio dos applausos da sciencia, é cercado de manchas que espalham sombra intensa para cima da Humanidade, na qual vigoram dogmas, rastejam religiões, engordam padres.

Os trabalhadores do campo continuam a estar no estado theologico, pela acção constante dos obreiros do absurdo e da mentira. «Clamou, pois, Samuel ao Senhor, e o senhor, enviou n'aquelle dia trovões e chuvas». I Rei, cap. VII, vers. 18.

E' Deus que desencadeia as tempestades, que desmorona castellos, que incendeia montes, que dirige terremotos, que fomenta enfermidades.

Elle forma o cego, o surdo, o paralytico.

«E o Senhor lhe respondeu: Quem fez a bocca do homem. Quem formou o surdo e o mudo, o que vê e o que é cego? Não fui eu? (Exodo, cap. IV, vers. II).

E' Deus que deixa sem pae tantos desgraçados, que ficam estorcendo-se na miseria, é elle que rouba á Mãe a filha que estremece, que lança o lucto, a tristeza, o soffrimento no sacrario da familia. E' elle, o Deus biblico, a destruição, a morte. Somos nós que o dizemos? Não.

E' o padre, é a biblia, são os seus devotos.

E' o Deus terror que a egreja levanta ao culto dos fieis, aconselhando risoriamente amor e temor á mesma divindade.

Amor e temor, amar, e odiar, grande psychologia!!

Com este fundamento, a religião revelada, e sobretudo a religião catholica, é intolerante, sanguinaria, atrophiadora. O cancro dos povos.

Que beneficios tem produzido? Regar com o sangue das suas victimas a terra que trilhamos, erguer calvarios, aprumar cruzes para sacrificarem sabios como Galileu, pensadores como Giordano Bruno, apostolos como Ferrer.

A inquisição ao pé da cruz, forca junto do altar. Tem-se propagado pelo assassinato e engrandecido pelo terror.

E como não podia ser assim?

A Biblia deixa vêr bem os seus sentimentos, que são os sentimentos de toda a corja amaldiçoada que diz, como S. Thomaz de Aquino: «Assim como falsarios e assassinos devem ser punidos com a morte, assim os hereticos.»

«Vae e faze passar ao fio de espada os pescadores de Amalec e peleja contra elles até não deixares nenhum vivo». I Reis, cap. 15, vers. 18.

«E assim o Senhor os destruiu á vista dos filhos de Israel, os quaes n'aquelle dia mataram vinte e cinco mil e cem homens, todos os guer-

reiros e homens de armas.» Juizes, cap. 20, vers. 18.

«...e foram quasi vinte e tres mil os homens que cahiram mortos n'aquelle dia.»

Exodo, cap. XXXII, vers. 28.

São os preceitos do Padre Eterno, as ordens terminantes do ente infinito que mandam adorar; que festejam em solemnidades celebradas com as energias do Povo que corroem.

E assim a religião de Roma tem sangrado a Humanidade, dispondo Crusadas, ordenando guerra aos infieis, levantando bem alto a bandeira de luto por cima da sociedade que a tem supportado no seu seio, deixando-a engrandecer e reforçar nas sombras, para agora se exhibir provocadora e desordeira.

A religião catholica é a religião do odio, é a religião da morte, como a definiu Zola. E' a religião de classe, é a propria guerra, é a intolerancia feita dogma.

Logo ao alvorecer da Humanidade, o Deus que dizem infallivel, todo bondade e misericordioso, todo justiça e amor, escolhe o povo israelita, entre as massas que creou com tanta sciencia, envaidece-o com a *terra da promissão*, guia-o com columnas de fogo, passa-o ás costas no mar vermelho e rio jordão e, para caminhar em marcha triumphante, submette-lhe os que se revoltam, mata, destroe, elle o Deus, que com uma palavra podia afugentar todos os inimigos.

Mas não teria creado todos os povos?

E' de fé. Porque deu graça e virtude ao de Israel, deixando os mesmos seres que gerou, em orphandade absoluta? E' a grande e significativa disposição da egreja, a justificar os seus crimes e maldições.

— Povo, aqui tens o Deus que te mandam adorar, aqui tens a substancia da religião que te pregam do pulpito, do altar, de toda a parte em que estejas com os teus filhos, com tuas mulheres, roubando-te, desfibrando-te.

Olha o que está fazendo da Hespanha!

Fe-la criminosa, e sobre ella estende as azas negras, tintas de sangue! Vê o que tenta fazer do nosso paiz.

Querem um governo de força, querem um Castello de Montjuick, querem lavar-se no sangue de milhares de victimas, applaudem a perseguição, reclamam a nossa vida. Sempre que o despotimo da auctoridade se erga raivoso a abafar os protestos dos opprimidos, lá está a bôa imprensa a cantar hosannas. E' sempre o Deus Terror que lhes norteia os passos, é na figura velha e abominavel do Jehovah que elles, os bandidos de sotaina, exploram todas as desgraças duma patria, a enfermidade da sociedade, o infortunio do proprio individuo.

Ainda está na memoria de todos a maneira como a clericalha hybrida e devassa tratou dos abalos sismicos que surprehenderam as povoações ribatejanas.

Era um castigo de Deus. Queriam que fosse um castigo de Deus. E assim vomitando piedades pôdres promovem actos de desaggravo, novenas, communhões.

A occasião era-lhes propicia. Aproveitaram-na Devia ser cruel, mil vezes cruel para os nossos compatriotas, a lembrança de que os quartos onde nasceram, as mezas onde celebraram os seus noivados, as salas onde sorriu a sua infancia; tinham sido despedaçadas num choque infernal que nada, absolutamente nada, poupou

na sua furia desesperada. E' que nós amamos instinctivamente o lar onde brincamos nos primeiros annos, damos parte dos nossos affectos, a dedicação dos nossos corações, o melhor dos nossos pensamentos ás nossas casas, ás casas dos nossos paes.

Toda a nossa historia, a historia da nossa familia escripta em caracteres rigidos, como que em linguagem monosyllabica, a dentro das nossas habitações. Cada objecto, o mais simples, fala da nossa existencia; cada movel, o mais insignificante, descreve-nos uma pagina da nossa vida.

Um traço na parede, a fenda duma taboa, o desconjunctar duma cadeira, o brilho dum espelho, são outras tantas testemunhas dos nossos actos, os quaes nos juram dizer a verdade da nossa biographia. Passear na nossa casa, percorre-la, observa-la, é estudar a nossa historia, e ler as paginas da pequena bibliotheca onde se archivam as memorias dos nossos antepassados. O incendio do nosso lar, é o incendio da nossa historia.

Devia ser, pois, triste olhar para as povoações ribatejanas, e ve-las com os seus predios abatidos, e os seus moradores ao ar livre, como condemnados, esperando a manifestação dos nossos sentimentos de solidariedade, para se agasalharem, para entrarem de novo na normalidade da vida. Mas de toda a parte, de todas as aldeias, de todas as villas, de todo o Povo portuguez bom e paciente, vem uma supplica a pedir soccorro, vem soccorro para milhares de pessoas que ficaram sem abrigo, sem agasalho, sem o santuario dos dourados sonhos, onde se escondem os segredos da nossa mocidade.

Sim, aonde havia uma alma, soou pranto, aonde estava um coração que sentia, formou-se um protector solicito a accudir com a sua offerta, com o seu carinho, com as suas forças. E aquellas povoações, levantar-se-hão encantadoras, a testemunhar a solidariedade de todos os portuguezes.

Mas é preciso que alli fique patenteado para o futuro, um protesto energico contra essa alcateia de bandidos que se aproveitou do estado de terror em que ficaram as povoações devastadas, para mercadejar e vender a retalho toda essa religião de odio e mentira que vem acabrunhando a nossa patria. Emquanto milhares de pessoas corriam ao campo do infortunio a levar allivios, a incutir forças, a prometter auxilios, apparece alli o padre com o sorriso comprimido, com as lagrimas de hyena, a vomitar insultos para cima da Dignidade Humana, para cima da Razão, dizendo esses especuladores que aquella desgraça era castigo de Deus, era maldição lançada sobre os portuguezes, pela divindade ultrajada.

Foi esta a linguagem que appareceu nas folhas jesuiticas, foi esta a linguagem do padre, do prégador e de todos os malandretes coroados que queriam lançar o pavor no meio das nossas aldeias, para as poder roubar á vontade com todas as chaves falsas que conservam escondidas nas gavetas das sachristias.

Que Deus, é o vosso, oh! dentistas, para, num momento, lançar o luto numa patria, a fome em milhares dos vossos irmãos, a orphandade, a viuvez em terras pacificas, e hospitaleiras?! Que Deus é esse, oh comediantes de sotaina, que fulmina, mata, despedaça, sem olhar a edades, a condições, como um carrasco sedento de sangue.

Convem-vos o Deus terror, o Deus vingança, porque assim vergaes os vossos freguezes junto da agua benta, aonde lhes alimpaes as algibeiras.

Já Moysés apontou ao Povo que guiava, o soar do trovão, o brilho do relampago, com uma manifestação de desagrado da divindade. A religião do Egypto, da Chaldeia, da Persia, da Grecia e de Roma tinha tambem o seu Deus Maldição para, á conta dos seus terrores, se sustentar a classe sacerdotal, a ave agourenta que sempre adejou em volta dos inconscientes, dos humildes resignados. Ainda hoje o retumbar da tempestade, o rugir dos ventos o cahir do raio, o rigor do inverno, a inclemencia do estio, todos os phenomenos naturaes, são considerados como meios para um Deus se vingar da Humanidade. São estas as ideias que o padre alimenta na alma meiga dos seus freguezes, como arma de defeza dos seus interesses.

As gazetas da seita jesuitica convidavam as beatas e beatos, machos e femeas, corruptores e corruptas, a irem em romaria á egreja para desagravar a divindade. E em vez de se lançarem ao local da miseria, curando feridos, protegendo os desprotegidos, por aqui ficaram a bater no peito, em visões hypocritas, onde colhiam indulgencias e nuvens de incenso em paga de tanta amor celestial.

Mas desaggravar a divindade de quê?

Partindo do absurdo que vos rende, de que aquella dissolução foi obra do vosso Deus, não precisa de desaggravo, porque desapparece a offensa, quando se completa a vingança. Vós sois os incongruentes, porque sois os pregadores do odio, da mentira, da traição e da calumnia.

Povo, comprehende o que é o padre, observa os beneficios da egreja.

Emquanto todos os olhares marejados de lagrimas se voltam para as terras assoladas, a egreja manda alli os seus emissarios afim de lhes apontar aquelles terrores, como castigo do céo. Para illudir os vivos, offerece sacrificios aos mortos.

Não reconheças o Deus desses farçantes ; ama o Deus do amor, que tudo cria, que tudo transforma, que tudo embelleza, que tudo encanta. O Deus desses impostores foi inventado, representa o terror, a vingança, o assassinato. Prestemos homenagem ao Deus Sentimento, ao Deus Bondade que tudo dulcifica, que dá de comer a quem tem fome, agasalho aos perseguidos.

O padre julgou aquella calamidade como uma nova era de renascença de fé, como um começo da edade *aurea* para as mentiras religiosas. E no pulpito, no altar, na imprensa apparece vestido de penitente, a pedir ao Povo que se prostrasse de joelhos a supplicar perdão, porque Deus estava encolerisado, a ameaçar a familia portugueza. Ao mesmo tempo promove viajatas intimas á egreja, distribuindo, ás mãos largas, indulgencias a todos os peccadores que contrictos alli viessem bater no peito.

E mente, mente descaradamente, publicamente, o corruptor biltre, que começa por fazer de Deus o principio do mal, attribuindo-lhe o terremoto como manifestação da sua ira, como gesto da sua vingança. Mente, explora, com a cruz hasteada, e fica socegado, sem receio de ser punido, porque a sociedade que nos opprime, que legisla, que para ahi está a formar a aristocracia da auctoridade, é orvalhada com agua-benta, benzida ainda pelas immaculadas mãos do jesuitismo.

O nosso protesto, o protesto de todos os liberaes não passou da imprensa que não é lida pelas victimas da theocracia.

Foi apenas uma amosta de revolta que talvez fizesse sorrir os nossos reverendissimos adversarios, e nada mais.

A imprensa calou-se porque já tinha dito tudo, e elles continuam no meio da sementeira, rindo-se, e cantando hymnos ao ceu, porque a colheita offerece-lhes doces fructos que hão-de disputar nas sombras das sachristias.

Quando do espantoso terremoto de 1755, que agitou a cidade de Lisboa, ceifando milhares de vidas, e lançando a terra com a sua furia indomavel os predios que se erguiam a embellezar a nossa capital, tambem padralhada sahiu ás ruas para dizer que era o Deus que se vingava.

O grande estadista, Marquez de Pombal, que não conhecia a cartilha dos nossos liberaes, percorria os logares onde a mizeria se revestia de côres mais carregadas, aonde havia prantos, aonde eram mais precisos os primeiros auxilios. Indo inspeccionar com a largueza das suas vistas alguns predios derruidos, encontrou um padre, num pulpito improvisado, pregando com enthusiasmo, dizendo que o terremoto tinha sido castigo de Deus, e que indispensavel se tornava fazer actos de desaggravo.

Quereis saber, caros leitores, o que fez o immortal estadista? Mandou chicotear o reverendissimo abbade que queria especular a crença dos que o escutavam.

Assim foi o protesto do vigoroso Marquez, e assim devem ser todos os protestos contra essa propaganda estupida e criminosa.

IX

Socialismo catholico

Queridos camaradas. Deixae-vos de religiões, e intrigas de sachristia, e olhae a serio para o meio social, onde duas classes se degladiam, disputando victoria: Uma, a vossa, formada pelos que trabalham e produzem; outra, a dos burguezes, e restos da divina aristocracia, constituida por ociosos que levam a vida num descanço continuado, explorando, e opprimindo.

Basta lançar as vistas pelas janellas do velho casarão social, para se reconhecer que a classe que labuta, tem na vida uma Dôr infinda, resultante da miseria do salario, e condições atrophiadoras em que desempenha o seu papel de operario, e que a classe que explora, vae pela existencia além, numa franca gargalhada, sempre no céo azul de felicidade, onde se não vêem passar as nuvens negras e assustadoras do soffrimento, donde não cahem as gotas ardentes das lagrimas do desespero.

Nesta hora já adeantada da civilisação, em que tanto se falla em Liberdade, encontra-se a escravidão em todo a sua brutalidade, mais cruel que aquella que mantinha milhares de escravos nos circulos romanos.

Aqui imperava o chicote, entre nós, em face das prodigalidades luxuosas dos tempos, braceja escandalosa a escravidão.

Nos amphiteatros romanos, morria-se sob os golpes do azorrague, na sociedade doentia do seculo XX, extingue-se a vida, á falta de pão, á mingua de luz, e, no emtanto, armazens regorgitam de viveres, cofres agasalham fabulosos capitaes.

A mizeria estende as suas azas negras sobre a vossa classe, sobre a classe trabalhadora, que vae encontrando no aperfeiçoamento mechanico, em todo o progresso material gargalheiras, com que os regalos do ouro a vão apertando.

O progresso no mechanismo nada tem feito, nada promette ainda fazer, em vossa defeza, antes vos vae aggravando a vossa situação, substituindo o operario pela machina, as forças humanas pelas forças ideaes, de sorte que ámanhã, depois de ámanhã talvez, ver-vos heis reduzidos á mendicidade, por não haver logar em volta do piano do trabalho, que está sendo disputado pela dynamica das forças.

Este progresso vae escravisar os trabalhadores, difficultar-lhes a existencia, onerar-lhes o ganha-pão.

E só não acceitarão as minhas affirmações, tiradas da observação dos factos, os egoistas e senhores privilegiados, que já mais descem das galerias deslumbrantes dos seus prazeres, a mitigar a fome aos famintos, a enxugar as lagri-

mas aos que choram. A comprovar o que constato, estão as estatisticas mortuarias que nos dão nota de milhares de desgraçados que a fome leva á sepultura.

Na França morrem, por falta de pão, milhares de pessoas. Na Russia, em epoca de tanta luz, numerosas familias amassam terra argilosa para se alimentarem.

Na Italia, individuos se encontram que esperam praticar um crime, para a policia os recolher á prisão, e alli matar a fome que os devora.

No nosso paiz, as mansardas dos trabalhadores estão convertidas em necropoles escuras, onde a mizeria ceifa vidas, depois de formar tuberculosos e esqueletos. Dizia Proudon que no seculo dezenove havia razão sufficiente para a revolução social, e eu, nos tempos angustiosos que estamos atravessando, vejo que só a indolencia das classes famintas a tem retardado.

Reflecti, caros operarios, no paradoxo da nossa sociedade. Os que trabalham têem fome, os que levam a vida airada, os ociosos gosam de todas as delicias, de todos os prazeres. Vós que passaes os dias soterrados entre quatro paredes, sem ar, sem luz, num lidar estonteante, não tendes pão para os vossos filhos; os que nada produzem, os que vos chamam canalha, ralé, desordeiros de pé descalso, vivem cercados de todos os privilegios, de todas as commodidades.

Qual a causa? A má organisação da nossa sociedade que admitte senhores, escravos, oppressores e opprimidos.

O celebre anarchista — João Grave - diz que a dentro do meio social ou devemos ser ladrões, ou roubados. E' isto, pobres amigos, que se observa.

Os ladrões teem vindo pelos seculos abaixo, seguidos de padres que vos pregam obediencia e resignação, e do militarismo que suffoca os impulsos da vossa consciencia, de tal sorte que os roubados ficaram sós, aterrados pelo brilhar das espingardas, desligados pelas mentiras dos jesuitas.

Como triumphar?

Os capitalistas, os burguezes uniram-se para vos escravisar. Uni-vos tambem para conquistar a liberdade.

A egualdade politica beneficia-nos a todos, mas a egualdade economica attinge a vossa classe que não vê no trabalho a garantia segura da sua vida.

Em vez de entregardes o problema da vossa miseravel situação a cabecilhas e a politicos, estudal-o vós, luctae, mas em collectividade, porque o bem estar de cada um hade resultar do bem estar de todos.

Confraternisae. Desligae-vos do jesuita e do throno, trocae a egreja pela associação operaria, e asssim livres haveis de vencer.

O padre é o vosso maior inimigo, porque é o primeiro que encontraes na arena, a combater a vossa soberania, a luctar contra a vossa emancipação, contra todos os vossos direitos.

Quer-vos escravos submissos, resignados, sem vontade propria, com as algemas das formulas sociaes que a consciencia humana reprova, e a razão condemna.

Não o acrediteis. E' um falsario sem dignidade, que tenta suggestionar-vos, illudir-vos com promessas apparatosas, com tratamentos hypocritas. Mente, *mente* cynicamente, quando vos falla em socialismo catholico.

Socialismo catholico não se comprehende, por envolve contradição nos proprios termos.

Catholico suppõe origem de Roma, deixa antever um gesto do Papa, significa direito divino, revella a approvação das desigualdades sociaes, a manutenção das castas, a existencia de privilegios.

Não o tomeis a serio, e tomando-o, seja só para o guerreardes.

A egreja não pode fallar em socialismo, pois com elle estão em contradicção os seus principios basilares. Ella defende o chamado «direito divino», e é segurando este farrapo velho e já gasto, que quer dar ouvidos ás reclamações de todos os perseguidos, e solver as questões economicas que se debatem entre operarios e patrões, entre o salario e capital.

Não consintaes que entre vós vigore essa falsa moeda do socialismo que só serve para vos amarrar a um illusionismo piedoso, sem vos mitigar os soffrimentos.

Um congressista sem criterio, manequim fiel dos jesuitas, disse que a egreja «estava ao lado do operariado, disposta sempre a recebel-o com carinhos». Mas em que consiste a sua acção? A resposta é facil—Bemaventurados os que soffrem, que serão consolados, clama ella, quando alguem estrebuxa aos pés da Dôr.

Não vos illudaes, meus amigos: a egreja não consegue minorar o vosso mal que tem raizes profundas no egoismo dos que se inculcam senhores, não póde refrigerar a vossa miseria, nem callar as aspirações da vossa alma. Promette-vos no mundo ideal, no *alem-tumulo* o que o *socialismo verdadeiro* vos quer dar no positivismo da existencia, na realidade da vida.

Não podendo satisfazer-vos na verdade, appella para a mentira. E se soffreis diz-vos do pulpito, da imprensa, do altar que sejaes resignados, e não vae sarjar a causa do vosso soffrimento. Alimpa-vos as lagrimas, mas não descobre o meio de as estancar. Tendes fome, pedis pão, e ella aponta-vos o *infinito* e diz-vos que tenhaes fé, que não percaes a esperança. Se os vossos patrões vos lançam ao pescoço nodosas cordas de escravidão, ella, a egreja aconselha-vos a virtude da obediencia.

E não é assim o verdadeiro *socialismo*.

Este não se entretem a chorar a vossa situação atrophiadora, lucta a todo o momento, a todo o instante, para cortar pela raiz a causa dos vossos soffrimentos, para esgotar a fonte do vosso infortunio.

Não vos querendo beatificar, porque beato é synonimo de hypocrita, deixa de vos pregar essas virtudes que vos ganharão o ceu, que não o pão de cada dia. E os apostolos do socialismo puro, ahi se vêem ao vosso lado, com abnegação e sacrificio, a reivindicar os vossos direitos, a defender a vossa emancipação, a exigir dos egoistas, mais algumas migalhas para os vossos filhos, para as vossas mulheres.

Nas luctas abertas entre operarios e senhores, esses soldados do bem estão sempre ao vosso lado, acalentando-vos, encorajando-vos, arrastando-vos serenamente á revolta contra «o capital» quando elle vae accumulando oiro, em detrimento dos vossos caros interesses, á custa do vosso suor, da vossa fome, das vossas lagrimas.

Não vos dizem que sejaes pacientes, quando os ouvidos dos patrões se fecham ás justas reclamações. Estudam a vossa causa, auscultam a sua

justiça, para vos clamar — á lucta contra o despotismo; á gréve, á revolta contra os senhores do oiro que não vos indemnizam dos vossos sacrificios, que vos roubam o sustento da vossa familia.

Sim, meus amigos, bemdizemos a «gréve» abençoamos a revolta, quando parte dos vossos direitos conculcados, da vossa consciencia opprimida contra o arbitrio de patrões.

A gréve geral é vosso recurso; aproveitae-o, sede constantes e a victoria será vossa.

Pois aonde está a força da sociedade?

E' nos que legislam, nos que se dizem senhores? Não; estes, alem de carecerem de força moral, pois, com honrosas excepções são recrutados quasi sempre na massa corrupta de cretinos e imbecis, nada podem, nada valem sem a obediencia das multidões submissas.

Onde está a força das nações, o seu respeito, a sua dignidade: é nos governados, nos que teem fome, nos que estrebucham calcados aos pés dos tyrannos.

Sim, operarios, vós sois a força, sois a vida, sois a nação, sois a verdadeira nobreza, porque sois a machina viva da civilisação.

Formae as «Associações Operarias». comprehendei a vossa força, usae d'ella, e tereis vencido. O trabalho que dignifica, e que não é uma maldição lançada sobre a Humanidade, como confessa a piedade hypocrita, nivella todas as condições, estabelece entre nós a perfeita egualdade.

E' pelo trabalho que sois grandes, é pelo trabalho que haveis de triumphar.

Suaes? Exigi uma recompensa, emquanto todos, de mãos dadas, não pudermos esfarrapar o direito de propriedade.

Labutaes? Persegui os ociosos, os que nos offerecem leis, os que formam deuses do pão que arrancaste da terra.

A lei é o capricho tenebroso dos que se inculcam senhores. Escarremos-lhe, e o auctoritarismo de sotaina e casaca cahirá aos nossos protestos.

Despertae, levantae-vos contra essa carneirada de sotaina que vos fala em inferno, em rigor de alem campa, simplesmente para vos illudir, para vos roubar.

Não acrediteis esses biltres, porque só se approximam da vossa choupana, para negocio, para vos desfibrar.

Sede fortes, e a caminho; só sereis grandes quando conhecerdes a vossa grandeza, só sereis soberanos, quando proclamardes a vossa maior edade, quando conhecerdes a vossa força.

O Futuro espera o vosso braço.

Confraternisae. Luctae dentro das «Associações Operarias» mas constantemente, tenazmente contra o Existente que nos escravisa e assim seremos livres para o clamor — viva a Humanidade!!

X

Pelo confessionario

Tem-se escripto muito sobre a moralidade da confissão, mas resta sempre que dizer d'aquelle monturo infame, porque alli reina a degradação venenosa que toma todos os aspectos, que reveste todas as côres.

São olhados como suspeitos, e até considerados como descrentes e atheus, aquelles que, conhecendo de perto a aprendizagem dos vicios mais vis da natureza humana, que lá se inicia veem á imprensa, conclamar com sinceridade contra o proceder dos paes que, na boa fé, mandam suas filhas ao scenario da confissão, sem pensar, sequer, nas virtudes e dignidade do padre que vae penetrar nos mysterios do coração dos innocentes.

Muitos accusam-nos de facciosismo, affirmando que falamos pelo odio que temos á egreja, e, esquecendo, repudiando mesmo, o que dizemos conscientemente, continuam a consentir que suas

mulheres, suas filhas vão confiar, a qualquer dos homens de sotaina, os segredos do travesseiro, a vida da familia, as mais bellas expansões do lar.

Fazem isto, porque se julgam christãos, porque querem obedecer aos mandamentos da egreja que ordena, pelo menos, a confissão quaresmal, para, na opinião auctorisada das reverendissimas intellectualidades, se poder alcançar uma certa bem-aventurança que se vende ahi pelas sachristias.

Em todos os tempos, o jesuitismo tem lançado mão dum Deus bom e carrasco, para jungir á canga dos seus caprichos tantos ingenuos que os acreditam. E na confissão estribam toda a sua dialectica, escondem todas as virtudes, — para se fugir ás iras da divindade ultrajada, e alcançar as .deliciosas offerendas dum Creador, todo bondade.

Esta linguagem agradou a muitas peccadoras, e a muitos da vida airada e no rol dos confessados começou logo a apparecer a turba-multa dos devotos arrependidos. A egreja exultava. A Humanidade, humilhando-se de joelhos, reconhecia a sua superioridade.

Os confessionarios eram novas secretarias, onde andavam aos roldões as intimidades das familias, os segredos das sociedades, a vida dos povos.

Diaria, muito frequente, começou a declinar, até que agora se pede por amor dos Ceus que se confessem uma vez cada anno, para não perderem os direitos dum bom christão, os quaes consistem em insultar, roubar, odiar, corromper, etc., e, em alcançar perdão completo, com garantias dum paraizo de delicias, depois de benzido e absolvido por qualquer reverendissimo justo.

Esta doutrina incita ao crime, alimenta os instinctos mais baixos do homem.

Diz-se-lhe que pode ser facinora, um devasso, porque, se alcançar momentos de arrependimento, antes de se baixar aos pés do padre, será perdoado.

Mas, deixemos esta moralidade, para aqui dar mais um aviso aos paes de familia, que, por quererem ser christãos, deixam que as suas mulheres, suas filhas vão chafurdar a alma na lama pestilenta da confissão.

Ouvistes dizer talvez ao prégador que ella era de instituição divina que foi imposta pelo heroe do christinianismo á Humanidade que faltasse aos seus deveres. Pois se elle vos disse isso mentiu, como mente sempre. A confissão é creação dessa raça pharisaica que assim consegue entrar no seio das familias, apossar-se dos seus sentimentos, enfraquecer-lhes a vontade, obscurecer-lhes o espirito, rouba-las, embrutece-las.

O proprio Christo, o grande idealista a condemnou bem terminantemente como se vê nos seguintes textos: — S. Matheus, cap. VII, V. I — não queiraes julgar, para que não sejaes julgados; S. Lucas cap. VII, V. 37 não julgueis e não sereis condemnados... S. João cap. XII, V. 47 .. não vim julgar o mundo, mas salval-o.

As nossas irmãs que tenham um templo—o lar domestico; um confessor — as nossas mães.

Mas não é a origem da confissão que nos importa investigar, porque a grandeza moral duma obra nem sempre anda vinculada á personalidade do seu auctor, nem sempre se circumscreve á esphera das intenções do seu inspirador. Discute-se á luz da razão pura e escalpela-se, resolve-se

nos seus effeitos, para podermos com segurança aquilatar do seu valor.

Que nos importa a nós, que importa á Humanidade que tivesse existido um Christo, que soffresse, que agonizasse numa cruz?!

Que nos interessa a nós a origem da confissão?

Instituida por Deus, ou pelo Diabo, formulada no concilio de Latrão, ou nalguma ceia de cannibaes, a acção deleteria que está exercendo na sociedade não muda de aspecto, não se modifica nos seus effeitos. E' estes e só estes que urge estudar em todo o seu alcance.

Não é raro apparecer em jornaes, em pamphletos o combate contra a sua procedencia divina. Para quê?

E' tempo de terminarmos com taes banalidades.

Será o confessionario (*) o foco de immoralidade?

Será a confissão auricular um acto degradante, licencioso? Ninguem o combate, ninguem o pode combater.

Para a esposa, constitue um adulterio moral, para a filha o noviciado nas baixezas da natureza; para o homem, a abdicação da sua razão, o servilismo da sua personalidade.

A mulher poderá ter segredos para o seu com-

(*) As pillulas do confessionario já eram usadas pelos antigos. Era a therapeutica que os povos orientaes applicavam absorvidos talvez no puro ether duma crença amiga. No «Livro dos mortos» que contem a sumula dos principios philosophicos e religiosos da civilisação pharaonica, depara-se com a passagem que Champolion chama confissão negativa. «Não blasphemei, não menti, não feri, etc., etc.».

panheiro, mas nunca terá para o padre, que assim fica de posse dos mysterios do travesseiro, conhecendo os arcanos mais intimos do lar, que converte num inferno de insidias e cabalas.

A filha occultará, cheia de angustia, e religioso respeito, á Mãe que estremece, as palpitações, as aspirações da sua edade primaveril, mas o confessor domina-a, arranca-lhe todo o pudor, e prostitue-lhe a alma, com um interrogatorio mil vezes luxurioso, enlameando-lhe a innocencia, torcendo-lhe a virgindade da sua vida.

Eu tive occasião de observar. Quantas vezes não vi approximar do confissionario uma creança socegada e alegre, para se levantar ruborisada, acabrunhada mesmo, com todo o seu cerebro revolto, pensando no libello, que desconhecia, nas infamias em que não meditava.

Já são volvidos alguns annos que assisti ao acto final da tragedia moral que se desenrola nos cantos immundos das egrejas. Uma innocente, de dez annos apenas, amanheceu toda encantos; era o dia da sua confissão. Via passar, vestida de gala com o cabello ondeando ao vento, como fios de oiro, nos labios um sorriso, na alma o gorgear louco da ave da sua agradavel candura.

Que linda *que não ia!?* Seus paes tinham-na embrenhado na via dolorosa da tradição.

Horas depois, estava junto de nós, com uma certa pallidez, e dos seus olhos cahiam lagrimas de vergonha. E porque chorava? Ella mesmo com o natural pudor o confessou.

Foi o senhor prior que me perguntou se já tinha algum namôro. E esta resposta, modulada com escrupulo, continha os escriptos mais incendiarios que se teem lançado contra esse infame preceito da egreja.

Leitores amigos: E' a vós que eu fallo. Deveis ter irmãs.

Libertae-as do confissionario. Muitas dalli teem cahido para o aviltamento de toda a vida, muitas alli teem ido encontrar o suicidio moral.

Os factos estão a comprovar a minha affirmação.

A' hora que escrevo, ouço uma mulher que me declara deixar de se confessar, desde o dia em que o padre, abusando da linguagem, se lhe dirigiu, torpemente, ignominiosamente.

Na mór parte, é um dia no anno, com pezar para os animaes de virtude, que ahi farejam desoccupados. De diario que foi, tornou-se preceito paschoal; o tempo santo da quaresma, é o eleito para moralisação das massas.

Quaresma, quarenta dias que decorrem tranquillos, mystificando espiritos, nas toadas plagentes das egrejas, onde se desenrolam as grotescas scenas d'uma religião que vem alimentando essa familia alarvada, corrupta em susbtancia, corruptora em officio.

Os templos convertem-se em barracas de feira, para alli envolverem de ridiculo escarninho, a mentira que pregam, a hypocrisia criminosa que representam.

A egreja é então o theatro do Povo.

A vida de Jesus é representada em traços pueris, em brincos de creança, ora ostentando o vestido de uma comprida tunica, de cana na mão (!) ora pregado numa cruz, triste e ensanguentado, á maneira de vencido.

Apparece uma Magdalena, uma Veronica, papel confiado a qualquer mulher de aldeia que, nesse dia de scena, se enrodilha em sedas que lhe não pertencem e coberta de ouro, em leilão

de amostras, lá desempenha a sua missão, gesticulando, cantando com sua voz cançada, dando áquelle quadro de illusionismo a suavidade da innocencia.

Taes comedias são de todos os tempos. Na «Edade-Media», o nosso theatro era hieratico.

Nas egrejas, representavam-se a paixão, morte e nascimento de Christo, vida de santos, factos do antigo e novo testamento. Personificavam-se as virtudes e os peccados, havendo danças e toda a especie de canticos em linguagem grosseira e obscena o que levou o papa Eugenio a prohibir taes chocarrices junto dos altares. As constituições dos bispados do Porto e Evora, ameaçavam com excommunhão todo aquelle individuo que nos templos alimentasse divertimentos profanos danças, bailes e cantigas deshonestas.»

Mas a farça ahi continua ainda.

O palhaço de rua, o padre, lá recita o seu monologo, em linguagem doutrem, barafustando contra os inimigos da egreja, citando nomes que não conhece, auctores que nunca leu, com desenvolto de convicto, com presença de evangelisador, sendo muitas vezes um perfeito asno, por obra e graça do divino espirito santo.

Mas aquelles dias de quaresma já passam indifferentes para a mór parte.

Vão ouvir o sermão, porque não ha outras comedias na freguezia, accrescentando-se ser aquillo inoffensivo, emquanto outros dizem que é util para a massa rude, porque sem o medo do inferno impossivel seria manter-se no respeito.

E no emtanto aquelle incenso, aquellas farças, toda a poesia do ridiculo de que fazem acompanhar a mentira, aquelles canticos funebres, aquelles terrores lançados ás mãos cheias no espirito

do Povo, teem um effeito que muitos não alcançam — arrastam ao confessionario.

A confissão, affirmam muitos, é um passatempo, um costume tradicional onde se diz o que se quer, o mais simples e facil dos nossos actos, que nada nos prejudica.

Como estaes enganados. Vós, leitores amigos, relataes o que muito bem vos approuver, e o confessor deixae-vos fallar livremente, interrompendo-vos apenas, para vos aconselhar a compra da bulla da santa cruzada, de livros de piedade e quejandas quinquilherias que abundam no mercado da fé catholica, apostolica romana.

Mas as vossas irmãs, as vossas mulheres?!

O confessionario corrompe a mulher, enlameia-lhe o sentimentalismo da alma, queima-lhe as fibras do coração, torna-a uma boneca nas asquerosas mãos d'esse biltre que se aproveita daquelles terriveis momentos, em que a vê aos seus pés, para dar larga aos instinctos de depravado, sujeitando-a a interrogatorio mil vezes obsceno e libidinoso, onde lhe pinta os vicios mais hediondos da natureza humana. As vossas filhas, as nossas irmãs vão ao confessionario ouvir uma linguagem que desconheciam, receber noções de immoralidade, corromper-se, degradar-se. Acautellae-vos, amigos, não consintaes que qualquer animal de corôa, se aposse dos segredos do vosso lar, da alma das vossas mulheres, das vossas filhas que vivem ainda no idealismo da innocencia.

O confessor não respeita edades, nem condições. N'esse immundo kiosque, a que chamam confessionario sôa sempre a mesma voz avinhada, especulando, degradando, aviltando.

Julgaes que exagero?...

Reflecti na affirmação cynica dum padre.

«Acabava de ler um pequeno romance, onde se descreviam scenas sensuaes, sendo o seu heroe um d'esses reverendos que fazem consistir a virtude na saciação de todos os appetites. Este personagem de corôa parochiava uma pequena freguezia, onde vivia uma senhora nobre e muito formosa que começou a cahir na enthusiastica sympathia do padre, que tentava arrasta-la para o caminho da *sanctidade*.

O nosso heroe sobe ao pulpito, e no meio daquelle religioso silencio, tão respeitado pela crença do Povo, aconselha a confissão como meio seguro para se alcançar a amizade de Deus, e referindo-se aos seus freguezes que não iam ajoelhar-se aos seus pés, chama-os hereges, condemnados aos rigores do inferno (!)

E, passados alguns dias, aquella oração encaminha para o confessionario, a tal senhora que desejava salvar. Alli então ouve uma declaração affectuosa, terminando a absolvição por um osculo apaixonado.

Conto este enredo piedoso a um sacerdote, e por meio de risos, responde-me:

«Ainda v. não sabe o que por lá vae. Alli é que se arranja...; ordene-se que depois verá».

Meditae, caros leitores, n'estas palavras, sahidas da bocca dum padre, e consenti que vossas mulheres, que vossas irmãs vão ainda ajoelhar-se aos pés de qualquer reverendissimo castrado.

Mas não se deve vêr a confissão simplesmente pelo prisma da sua moralidade intrinseca, convem estuda-la ainda pelos variados aspectos que reveste nas mãos de qualquer coroado.

Não devemos apenas attender ao que ha de absurdo e ignobil no confessionario, importa, tam-

bem olhar á desprezivel figura, o confessor que augmenta sempre o expoente daquelle acto torpe e nefario.

O padre (com honrosas excepções) é o que vive com maior escandalo na sua freguezia. Os seus vicios tomam todos os gráus.

E' alcoolico, ou dissoluto, quando se não reforça com estes dois predicados. O seu caracter é quasi sempre abastardado.

Ha os que chamam santos. São os mais criminosos. Nas sombras, escondem as suas torpezas.

Se a honestidade deste livro me desse liberdade, eu relatava aqui o *ensaio* a que um certo prior sujeitou sua ama, para sondar se o consagrado thalamo era respeitado. Mas não, ha narrações que causam nojo. Acautele-se quem quizer.

A canalha que hoje sahe do seminario, entra amanhã a representar Christo (intrujões!) a arrogar-se com os divinos poderes de esfregar as nodoas da alma de tantos innocentes que a acredita.

Todos os dias nos vêem noticias alarmantes de padres aliciadores e devassos. E estes, caros leitores, já confessaram as vossas irmãs e as vossas mulheres.

A mulher geralmente é mystica. O confessionario exerce sobre o seu espirito uma influencia mysteriosa.

Atrahe-a, e encanta-a. Como proceder?

Incendia-lo? Pois incendiemo-lo.

XI

Baptismo

Já fallei da confissão. E' degradante, é immoral. A alma dos inconscientes (porque só estes lá vão) encontra alli a terrivel decomposição, o suicidio mesmo. Resta-me abordar um outro sacramento que a egreja apresenta, em taboleta de reclamo, aos fieis, como bilhete unico de entrada no gremio do christianismo.

O baptismo. Deve merecer o nosso certeiro golpe, o ataque severo, por ser anti-hygienico, por sujeitar a innocente creança a herdar, ao alegre despontar da vida, as molestias contagiosas do padre.

Baptismo e penitencia, eis os dois ensaios da religiosidade, em que se encontra a ruina do corpo, e a miseria da alma. Os dois focos immundos em que fermenta o desfalecimento e a deterioração do individuo para incruenta lucta pela existencia.

Os restantes, pelo ridiculo cerimonial e signi-

ficação litteral da doutrina, fogem a uma apreciação séria.

Discutil-os, é excitar o riso dos leitores.

O matrimonio com a cilha do prior, a communhão, offerecendo pelle, ossos, e carne de christo, a confirmação com as blandicias do bispo, a ordem com o beijo onanistico e extrema-unção com os santos oleos, e bolinhas de estopa, formam um trapezio em que os amadores podem virar se á vontade, porque são inoffensivos, não obstante constituirem uma perene fonte de receita para os alarvados monopolisadores da fé.

O baptismo é uma questão sanitaria que deve despertar as attenções dos paes de familia, para que vejam naquella facecia hypocrita, um elemento pernicioso ao organismo tão maleavel de seus filhos.

As doenças, as mais pestiferas, teem o seu centro de partida em pasticulos e microbios (patugenes) que com um certo calor, se desenvolvem, dominando todo o corpo, abafando a sua vitalidade.

Uma bocca impura é ninho materno destes parasitas, que assim crescem e se multiplicam assustadoramente por ser favorecidas pela temperatura de 37° centigrados, condição importante para o seu prodigioso desenvolvimento.

Qualquer alteração na saude manifesta-se na circulação do sangue, qualquer molestia epidemica se salienta na especturação, se manifesta na saliva—que é o vehiculo da sua fermentação.

Pois este baptismo (*) que chamam catholico, é

(*) O sacramento do baptismo, havido pela egreja como sello imprescindivel para a alma se libar na atmosphera celeste do christianismo foi transplantado das my-

a corrente que estabelece intimamente a communicação das enfermidades do celebrante com o tenro neophito. E' repugnante e torpe.

O padre escarra na bocca da creança, humedecendo-lhe a lingua e labios com a saliva que bem pode ser dum syphilitico, que bem pode provir dum tuberculoso. E assim, com a mascara duma religião, se leva a dor, o soffrimento á vida de quem é ultrajado na sua innocencia.

E' uma questão de saneamento physico, e para ella se deve chamar a attenção dos delegados de saude que soerguem a sua missão muito acima do lodaçal asqueroso das tradições seculares, que teem vindo engordando, cevando uma tribu privilegiada, em detrimento da Humanidade.

Temos o registo civil, mas tão desprestigiado pelos liberaes de comicio, que pouco tem feito, em ordem a arrancar das piscinas dos presbyterios tantos miseraveis que podem vir alli colher o inferno para toda a vida. E' indespensavel leva-lo ás aldeias, pregar-lhes o alcance social, e impô-los aos nossos irmãos de trabalho. Essa aristocracia de pergaminhos em farrapos, gran-cruzes e commendas em bugigangas tem a genial precaução de fazer com champanhe uma barrela ás membranas do reverendo sacerdote. Mas o filho do humilde proletario?

---

thologias antigas. Com o andar do tempo cercou-se de cerimonias, aproveitou-se da saliva do padre e de diversos feitiços indecorosos. O que tem de repugnante e offensivo pertence a esta religião de mentiras, explorada por imbecis e cretinos.

A sua nudez já vem de longe, das adorações de Budha, do culto de Mithra, reputado, qual entoado de José, mediador entre o homem e a divindade.

Além da segregação hedionda das glandulas do padre, recebe ainda a marca do ultimo beijo da sua amante, que pode ser uma Magdalena, sem perder a gloria duma Messalina.

Cruel realidade! criminosa tolerancia!

XII

Eucharistia

> Os homens teem praticado todos os abusos de que são capazes; só lhes falta este: comerem o Deus que adoram (CICERO, *de Divinatione, lib. II*).

A religião dos thuriferarios manifesta-se em todas as metamorphoses com o seu peculiar caracter de engorda. Quer no estado de larva, quer na edade adulta ostenta hiantes gargantas de faminto.

São lichens colados ao peito das multidões; são musgos, endurecendo a alma do Povo, privando-a da luz refulgente do conhecimento.

Nasce entre os humildes, cresce entre os grandes, e, qual sanguesuga, vive enroscada ao corpo dos inconscientes.

Levanta as garras esguias para o firmamento, e, quando as suas victimas se absorvem nas visões

altaneiras que lhes descreve nos astros, assalta-as, roendo-lhes os nervos, chupando-lhes o sangue.

Depois de farta, anda pelas sachristias, pelos altares, a vomitar os escrementos dourados que mantêem os obreiros da egreja.

Uma classe privilegiada tem vindo pelo dobar dos seculos a explorar as crenças methaphisicas, filhas do medo, e deitada, como cão sem dono, á porta dos presbyterios, dorme a largo somno na certeza de alcançar a ração succulenta das mãos das creanças que cretinisa, dos velhos que fanatisou. O seu trabalho consiste em mentir.

Não attendendo a edades, não olhando a sexos, é sempre a mesma trapaceira, cheia de odios e manhas. Por todos os meios, em todas as horas estuda a organisação dos impostos. Todos os fieis pagam.

Submissos, aguardando muitos as graças d'um Deus, vão depositar nos cofres da egreja, a inergia dos musculos, os seus suores, e tantas vezes a sua propria refeição.

Mas Roma teve os seus momentos de generosidade. Reconheceu que devia patentear gratidão á piedosa clientela. Como? Por uma gargalhada.

Estendeu uma toalha branca á sombra dos altares e, espalhando pasteis amassados com a saliva de suas amantes, chamou aos angelicos convivas: Comei, é a vossa recompensa, o corpo e sangue de Christo. O vosso Deus será a vossa refeição. E assim se instituiu o reparador e nutritivo sacramento da eucharistia.

E' certo que não houve originalidade. Nas mithologias antigas usavam os mesmos bombons.

Variavam no recheio, mas a significação não era diversa.

—Nos tempos primitivos immolavam-se victimas humanas, e em seguida veio o sacrificio dos animaes.

«A espadua direita das hosteas pacificas pertencerá como primicias ao sacerdote» Lev. VII, vers. 32.

Este cerimonial cevava os sacerdotes; mas os fieis, em detrimento do estomago sagrado, aboliram-no, e começaram a servir-se de formulas symbolicas.

Os mexicanos amassavam farinha em sangue, e gravavam-lhe a imagem do seu Deus. Queltzalcoat.

Os egypcios formavam hostias de pão e offereciam-nas ao Deus Serapis.

Os chinezes delineavam figuras de papel que queimavam nos sitios religiosos.

Os romanos tinham tambem umas pequenas figuras, chamadas Oscilla, feitas de farinha fresca, as quaes eram dedicadas a Bacho ou Saturno.

Mais tardo vem a egreja, recorda o banquete de Christo, e, aproveitando-se das palavras que proferiu n'um familiar brinde dirigido aos altos serviços de seus discipulos, revive aquelle acepipe nas ramificações da sua doutrina.

Na infancia do christianismo, antes de lhe nascerem os dentes, a consagração era celebrada á tarde, podendo os fieis receber o corpo e sangue de Christo sob as duas especies—pão e vinho.

Os penitentes recebiam o pão consagrado nas mãos, e as mulheres sobre uma toalha de linho. Mais tarde, não podendo precisar o anno, alterou-se o rendilhado d'este sacramento. Escolheram-se as largas madrugadas para o sacrificio,

cortaram-se as pequenas particulas que ficaram a ser acolhidas nas membranas mucosas de linguas immaculadas.

Os nossos generosos reverendos acharam esmola demasiada, receberem os fieis o corpo de Deus vivo, sob a especie de vinho dulcificante, e reservaram-no para seu uso e proveito, deixando aos crentes a simples hostia farinacea.

Dirão muitos que foi ingratidão. Não foi, mas tão sómente a justificada desforra de se não poder resuscitar o sacrificio dos tempos biblicos, em que se estendiam pelos altares as saborosas carnes de nedias rezes, com que alimentavam suas amas e afilhadas!

Este dogma de presença real de Christo na eucharistia tambem esteve sujeito á lei da evolução.

No seculo III, S. Clemente de Alexandria dizia que as palavras de Jesus eram tomadas em sentido figurado.

No seculo V um papa, segundo Malvert, ensinava ainda que depois da consagração, as especies não mudavam de natureza.

A questão liquidou-se, ad majorem dei gloriam, e hoje n'este tempo de piedade, todo o bom crente admitte este mysterio impenetravel de que pronunciando o sacerdote esta formula divinal— *hoc est corpus meum, Deus uno* (!) desce do céo e entra todo inteiro em milhares de particulas que se ostentam branqueando os altares.

Mas que tempo se conservará o infinito dentro do nosso estomago?

Esta interrogação foi formulada escrupulosamente por muitos fieis que não queriam sujeitar a divindade ás operações da digestão.

A egreja comprehendeu esta reflexão tão sen-

sata, e dá esta sentença — Christo permanece nas nossas visceras até se corromperem as especies, «*quandiu sacrae species manent integrae.*»

A questão que agora se ventilava entre os theologos, tinha por scopo libertar o pobre Christo da passagem pelos intestinos. A sua existencia real em nacos de obreia que se ia dispor aos cantos do abdomen, despertava commiseração. Um Deus descer ao seio dos acidos mais asquerosos. Feito isca, convertida em materia humilde!

E os fieis com justificado escrupulo deveriam tremer á mesa eucharistica!

Desde que ingerissem o pão, feito carne de Jesus, e bebessem vinho, tornado sangue da mesma divindade, devia esse Deus-Homem sugeitar-se á sordida defecação. Era a consequencia logica das leis do organismo. Consumido como alimento de primeira necessidade, transformar-se-hia em chimo, chilo, entraria nos vasos da circulação, abandonando as fezes que se não assimilaram. Como abafar esta rigorosa interpretação que aviltava a magestade de Jehovah?

Os theologos solveram esta equação. A incognita estava desfeita.

Deus permanece socegado, espalhando graças, na sacratissima particula até esta se corromper, fugindo então, não se sabendo por que abertura, para a direita de seu pae que está no céo.

Estes cretinos não teem força imaginativa. Prosaicos em excesso na invenção de protervias, na mentira, na mystificação.

Mas se Deus obedece á vossa vontade, para figurar na lista das iguarias á mesa redonda do beaterio lorpa, se offerece todas as suas fibras para repasto do simples mortal, porque escapará insensivelmente ás funcções da digestão, quando

a sua presença se tornava necessaria para se fazer cerebro, para se tornar sentimento, para ser a propria alma?! O organismo expelle as substancias que lhe são inuteis. Os anhydridos vomita-os por toda a superficie. Ha sobretudo as secreções excrementicias. Isto dá-se com os alimentos que o braço do homem arranca do seio da terra. São grosseiros, o mesmo organismo os purifica. Na communhão, não ha farinha, segundo o vosso conspicuo *venha a nós;* abate-se o cordeiro divino, a analyse da vossa fé encontra substancias celestiaes... a propria divindade.

Aqui não ha depuração a fazer. Toda se converteria em seiva. Toda se transformaria em vida. E se vós, oh! reverendos, continuaes a affirmar que do pastel consagrado, desapparece o Deus soberano, com o receio de passar pelo intestino grosso, comparae-o a qualquer isca de bacalhau, confessando haver nelle elementos inassimilaveis, como no bife que comeis com tanto apetite, no vinho que bebeis com entranhado affecto.

Sois inconsequentes, bemaventurados truões. Acceitamos a vossa inconsequencia, e visamo-la com respeito.

Christo está presente até se corromperem as especies, e accrescentaes que pode estar meia hora em communicação com os fieis. Uma visita de meia hora, apoz uma viagem tão prolongada, é pouco, é nada, pobres peccadores.

Não tem tempo de limpar as sandalias, de sacudir a cabelleira, de vos dar o osculo da paz. Examina-vos e foge. Escuta e despreza-vos. Cheira-vos e retira-se. Mas, santissimos padres, vós alaes por outras alturas. Recebei-lo todos os dias, sob duas especies. As visitas serão mais de-

moradas. Tendes a convivencia intima. E qual é a resultante d'esta camaradagem quotidiana com o vosso Deus?! O crime, a fallencia moral. Sim, vós sois uns criminosos, e no caracter uns perigosos fallidos.

Ajoelhaes aos pés dum Bispo, juraes tudo o que a egreja exige, prometteis ser materia inerte na combustão da vontade do Vaticano, e estaes mentindo á vossa consciencia, enganando os vossos superiores. Juraes castidade e sois os devassos, como esse satyro que ha annos no Seminario da Guarda enchia de luto uma familia honesta, tentando enroscar-se no corpo debil de duas creanças innocentes, incestuosos como Alexandre VI, o pontifice infame que fez da luxuria a sua eterna preoccupação.

Pregaes tantas moralidades, exaltaes tanto a mulher nas nuvens do incenso das cathedraes, nas festas da Immaculada, em todo o mysticismo da fé, e aviltae-la nos vossos instintos de besta desenfreada. Muitas vezes a levaes ao adulterio, tantas vezes lhe roubaes o companheiro amigo.

Só vos approximaes della na callada da *noite* entre a cruz *e o breviario.*

E' meretriz, a desgraçada amante. Tem de suffocar a voz sublimada da maternidade, e se ella se levanta bem alto atravéz dos obstaculos que armaes, tem de ser um soluço pungente a espalhar suas notas tristes em volta de creanças sem pae, atiradas para as miserias sociaes.

Falaes em amor do proximo e sois os primeiros a roubar a camisa ao proletariado do campo, indemnisando-o com agua suja, com latim e até com a vossa saliva. Na vossa familia solerte teem-se registado todas as degradações, e, no emtanto, commungaes diariamente, contando, ao do-

bar da semana, duzentos e dez minutos em que communicastes, segundo o vosso magistral alvitre, com o Deus de Roma.

Então não era tempo sufficiente para nos illuminar? Que faz esse Deus tão poderoso durante a passagem pelo vosso organismo?! Nós o detestamos pois que é connivente nos vossos crimes. Está comvosco, quando no confessionario corrompeis as filhas do Povo, quando converteis o altar em roleta de feira, quando seduzis a esposa do vosso amigo, quando mentis, quando odiaes. Acompanha-vos, segue-vos em todos os passos.

Dá forças ao braço dos inquisidores que despedaçaram craneos, energia ao legado do papa Arnaud-Arnauri, quando, na cruzada contra os albigences, responde ao companheiro que lhe perguntava como havia de distinguir os hereges dos fieis: «Matem-nos a todos e Deus roconhecerá os escolhidos». Inspira pontifices dissolutos e assassinos, sorri-se para os tyrannos, abençoa o despotismo. Eis o recheio das vossas pastinhas, eis a vossa divindade. Para que andaes entoando lôas em volta das custodias brilhantes de prata, de joelhos á frente dos santuarios, se alli está o principio dos vossos actos que envergonham a humanidade, e tarjam de sangue a historia dos povos?! Deus é immenso e embrulhae-lo numa mortalha de cigarro.

Farçantes. E' a intelligencia summa, a perfeição absoluta, e sujeital-o á voz avinhada de qualquer reverendissimo castrado. E' a suprema pureza, o nó vital do ideal, e encarcerae-lo no vosso estomago.

E' a justiça immanente e serve de jogo aos mais iniquos, aos mais traiçoeiros. Esse Deus é um escarneo. Amaldiçoamo-lo, porque tem as

costas largas para esconder os vossos defeitos, as vossas monstruosidades. O nosso que vive nos raios do sol, como no desabrochar duma flôr, no scintilar das estrellas, como na dealbação das searas, não precisa de cathedraes, não tem altares, nem templos.

Tem a propria grandeza, tem o seu proprio culto. Está no ar que respiramos, na materia em transformação, no beijo das nossas Mães, no gemido dos que choram, na revolta do escravo... está no mesmo homem. Ama-lo é amar a natureza, engrandecê-lo, é engrandecer e dignificar a especie.

XIII

Culto dos Santos

Nada mudar, nada innovar, eis a maxima que os figurinos da tyrannia religiosa e civil, erguem na nossa frente a embaraçar-nos a passagem pelos pedregulhos das superstições, para não arrancarmos a Verdade que escondem ao Povo com o manto grosseiro da ignorancia.

Haleuco, mandava enforcar todo o homem que se lançasse na senda das innovações e Etodio, jurisconsulto francez do seculo dezeseis, queria que esta lei despotica tivesse vida nos codigos do seu paiz.

Innovar é revoltar e a revolta amedrontou sempre o espirito periclitante da egreja que faz consistir o seu progresso na fanatisação de inconscientes, no alargamento da esphera dogmatica, em que rodopia toda a sua moral.

Ahi temos os costumes dos nossos paes, ahi temos o nó gordio a ligar-nos o presente com o passado, a fazer reviver a imagem nos nossos

antepassados. Para que reforma-los? para que corta-lo? Respeitae-lhes a velhice; não toqueis no linho sagrado que o forma. E' a linguagem hypocrita dos exploradores das crenças populares.

Julgam inviolaveis os systhemas que se enraizaram nos povos, julgam veneravel tudo o que trouxer o sinete de immemorial.

E assim querem salvar do naufragio a que está condemnada a egreja com todos os seus falsos e criminosos ensinamentos, pedaços de madeira carunchosa, que as mãos do artista modularam e transformaram em Santos.

Sempre que se fale em questão religiosa, ou se entre sem cerimonia pelos dominios agrestes da religião romana, salta-nos deante qualquer castrado a chorar pelas suas imagens, e pedir respeito aos seus Santos.

Os santos do christianismo!! As imagens das cathedraes!! Respeito e veneração, culto e offerendas: elles intercedem por nós junto de Deus.

Di-lo a Santa Madre Egreja catholica romana. E para os legarem á posteridade, collocaram-nos em altares, levantaram-nos em andores, cantando, pela tuba da fama, suas glorias e transcendentes beneficios para a Humanidade.

Mas que fizeram? Muitos desses continuos do Padre Eterno, são quasi anonymos, sem familia, sem historia, sem patria.

A egreja, ao sahir das catacumbas, necessitava de se impor pelo braço forte de Constantino Magno aos seus inimigos, e, para os confundir, começou a abrir quarteis por toda a parte, a alargar casernas em todos os cantos, enchendo-as de figuras muitas vezes interessantes que baptisaram com o convidativo nome de Santos.

De maneira que as canonisações obedecem a uma questão de necessidade. Cada dia precisava dum patrono, cada terra dum padroeiro. Era facil a tarefa.

Em Roma faz-se tudo. O papa Alexandre III que se orgulhava de ser um bom artista, chama todas as honras, fazendo resolver no concilio de Latrão que só ao papa pertencia a canonisação dos Santos.

Queria que fossem propriedade sua.

Em pouco tempo fizeram a resenha, completaram a inscripção, e hoje estão os livros fechados. Nem mais um. Que grande miseria! Falou-se na santificação do cura de Ars, na beatificação de Nuno Alves Pereira e o tribunal ou fabrica pontificia oxidou-se, consumindo tempo precioso e largas fadigas no desenvolvimento do processo.

Que brevidade e maestria no seculo XIII em que se conceberam, e sahiram á luz da piedade tão grandes e tão illustres senhores dos altares!!

Havia de tudo. Thaumaturgos como S. Antonio, martyres como S. Sebastião, altruistas, humanitarios inquisidores como S. Domingos de Gusmão, intellectuaes como S. Ignacio de Loyola.

Bastava um requerimento, uma simples petição, quando ouviam o pregão da egreja: quem quer ser santo?!, para ser continuo de Deus.

S. Domingos teve estas honras pouco depois de deixar este vale de lagrimas e S. Antonio de Padua chegou a ser adorado por sua mãe.

A folhinha encheu-se e daqui resulta a grande injustiça a tantos eleitos que pelos serviços prestados á christandade, tinham o sagrado direito a um guarda costas nas egrejas.

Porque não teem canonisado Pio IX?

Não suou gotas de sangue para modestamente

definir o dogma da infallibilidade? Não terá um logar de destaque junto de Maria Santissima, elle, o auctor do Syllabus que proclamou a immaculada Conceição? Não ha logar, dirão.

Mas são evasivas que não justificam.

E' augmentar a folhinha, publicar um supplemento, e assim ostentarão no numero dos santos o pontifice esquecido, até o nosso D. Carlos, o martyrisado, que não tem menos virtude que S. Canuto rei na Dinamarca.

Alem disso havia um meio mais viavel para continuarem com o social regimen das canonisações. Nomear santos do dia, e santos da noite. Eram mais 365 que iam adornar as fileiras do christianismo.

Mas o ridiculo, ou farça das santidades christãs, patenteia-se com mais clareza, se attendermos ao nome do thaumaturgo, ou confessor.

Quantos santos houve, conhecidos por Domingos? Um, celebrado em 4 de agosto. Se outros Domingos vierem com heroismos e com novas inquisições, que esperem pela abdicação do fautor da causa dos Albigences. Houve uma Santa Catharina, uma Santa Luzia que se celebra em 12 de dezembro, uma Santa Thereza, e se houver outra mytica que em arroubamentos celestes chegue á mão direita de Deus Padre, tem de mudar de firma, se aspirar a concorrer a um nicho em qualquer ermida.

Um Santo Antonio milagreiro, é a despotica disciplina da unidade, é a escandalosa preferencia dos nascimentos.

Se apparecem dois nomes identicos, um delles está Santo nas sombras do esquecimento que, á força de immobilidade, acabará por se confundir com os simples mortaes.

A egreja, prevendo que alguns obscuros, sem nome, não tivesssem um sopro sequer de saudação, escolheu o dia primeiro de novembro, para celebrar tudo da corte do ceo, machos e femeas, anonymos, engeitados, etc., os que a impiedade humana vilipendiou. E se nessa mesma data nascer ou morrer um martyr do christianismo?

Fica confundido com os velhos.

Eterna injustiça.

E' nesta gymnastica de mystificações que se dobram os cultos dos santos, onde ha tanto de risorio e protervia, como de hypocrisia e maldade.

A edade aurea das canonisações cerrou o cyclo resplandecente, e mesmo os seus protagonistas lançaram um gesto de desdem aos seus fieis devotos virando-lhes as costas ás ternas supplicas... nem mais um milagre.

E' a muralha da impiedade que as mãos calosas da sciencia levantaram entre esses devotos que se alimentaram de padre-nossos e a humanidade que soffre, que labuta pelo seu integral aperfeiçoamento.

Porque não haverá agora nova remessa de santos, porque se não operará nova lista de milagres que viessem assombrar os descrentes? A resposta é alegre, sobre ser imbecil.

Ouçamo-los:

«Nos primeiros tempos do christianismo foram muitos os eleitos de Deus para a propagação das verdades reveladas e só então os milagres se tornavam necessarios para o seu triumpho, para que a egreja vingasse nos terrenos agrestes dos seus adversarios. Agora que venceu e se alargou por todos os paizes, para que mais santos, para que mais prodigios?!»

E' o seu subterfugio não teem outro, mas manifestamente compromettedor, e que só pode engodar incautos, cegos de espirito, ou bemaventurados.

Se as almas devotas vieram ao mundo por fatalidade, se os santos surgiram das massas animadas, para o florescimento do christianismo, para confundir os seus adversarios, convence-los com a vacina do sobrenatural se, finalmente, os milagres clamorosos se executaram, por força das circumstancias, em garantia segura das verdades reveladas, em reclamo á fé, em Christo, com mais razão Deus devia mostrar, nestes tempos revoltos de impiedade e atheismo, os prodigios que cegaram os sectarios do paganismo.

Se os Santos com o poder celeste de sahir fóra das leis naturaes, foram indispensaveis, para a propagação do evangelho, porque o não hão-de ser para a conservação do mesmo evangelho! Se Jehovah os alistou na sua côrte, para tombar naturalmente adversarios, porque não enviará ao mundo um desses pregoeiros, surgidores de milagres?

Agora mais uteis seriam numa sociedade materialisada, em que as lendas biblicas se vão evaporando ao sol ardente da sciencia.

As escripturas dizem que Christo veio na plenitude dos tempos.

Mas quando veio o cumprimento do tempo enviou Deus o seu filho... (Gal., cap. IV, v. IV).

Na sua frente foram prophetas, João Baptista a aplanar-lhe o caminho, a pulsar os pagãos, a sondar espiritos.

Vem o Deus Homem, e com o poder extraordinario de animar cadaveres, de expulsar espiritos malignos, dar vista aos cegos, ouvidos aos

surdos, cura aos aleijados, lança os fundamentos do seu systema de moral sobre as ruinas da philosophia pagã.

Os mais relapsos, á vista de tantas maravilhas, seguem-no, acclamam-no.

Morre, resuscita, sobe aos céos, legando a receita do extraordinario a alguns obscuros trabalhadores que espalharam por toda a parte, a doutrina do mestre. E ficaram santos.

Seguem as agitações religiosas. Ha hereticos como Ario, schismaticos como Donato, o grande. Discutem dentro da egreja, acatando a auctoridade divina.

Pelagio nega o peccado original. Nestorio não admitte a união real das duas naturezas em Christo.

Um concilio, meia duzia de anathemas e tudo corria num mar de rosas. Uma resurreição, os peixes a ouvirem a palavra da egreja... e os descrentes penitenciavam-se, inscreviam-se nas casernas dos christãos.

Mas hoje?!

Não apparecem systemas de religiões, trabalha-se pela demolição das mesmas religiões. Não ha hereticos, ha libertarios. Não ha schismaticos, ha atheus. Não discutem a auctoridade do papa, nega-se-lhe o poder. Não se investigam as naturezas de Jesus, a historia dá-o como uma lenda, creada na imaginação dos povos. Não se falta ao respeito a Deus, contestando-lhe algum atributo, desaloja-se, para se substituir pela sciencia. N'uma palavra: O christianismo abriu bancarrota, a propria egreja vê-se tremular.

E onde está Deus? onde estão os santos? onde estão os milagres? Ninguem o vê. Ninguem os

reconhece. Ninguem os observa. Reina a descrença, e a desconfiança no meio dos ficis.

Veem esperando de seculo para seculo, de anno para anno, por um grande milagre, por um estupendo milagre, e desanimados calam já as suas orações, fogem dos presbyterios.

A paciencia esgota-se. O Povo, ainda o mais rude, tambem duvida, porque já pensa.

Nos seculos de obscurantismo fervilham as canonisações. Agora que eram tão precisas, para amparar as velhas cathedraes que ameaçam ruinas, não apparecem para edificação da christandade.

Milagres?! Temos as bentas aguas de Lourdes, as maravilhosas piscinas abençoadas pela Virgem Mãe. Para actualidade, mais nada. Mas os proprios marechaes da egreja — desacreditaram-nas. O pontifice incommoda a sciencia medica, em vez de ingerir dois litros do virtuoso liquido.

Os bispos vão para as praias, inspirar as brisas, deleitar-se com o sussurrar das aguas, com o bambolear de sedas, em corpos torneados de Magdalenas, em vez de se aproximarem dos tanques miraculosos. Os padres Mattos saem de lá doentes.

Será a pouca fé? Talvez. Mas tembem aquellas aguas poderão ser infernaes, e as curas lá effectuadas, obra de satanaz.

Senão vejamos o que diz a egreja:

O Demonio pode chegar a simular em parte verdadeiros milagres, mesmo as resurreições.

Nos nossos dias, os physicos, por meio de correntes electricas, determinam em qualquer cadaver, muitos movimentos musculares. Ora, sendo o Demonio um habil physico e um distincto phy-

siologista, conhece muito bem as propriedades de electricidade, e outros agentes naturaes, bem assim o jogo dos nervos e musculos de todo o organismo. Com tal conhecimento é-lhe facil animar um cadaver, fazel-o marchar, falar, dar-lhe uma especie de vida, fazendo crer uma resurreição. (P. J. de Bonniot, apud contreverse, no 22).

E como o papa, cardeaes, bispos, arcebispos, beatos e beatas, não têem á disposição instrumento por onde possam verificar a divindade daquellas aguas, retiram-se fazendo cruzes, e daqui provem a fallencia da fé, sem deixar de augmentar a especulação das crenças populares.

Comtudo lá no alto da rocha, está a forma duma mulher, deram-lhe o *nome de santa* defendem-lhe o poder de fazer milagres, e cá, mais em baixo, a feira da ladra, o grande mercado das quinquilharias e bugigangas religiosas. Imagens de Bernardete, rosarios, cera, escapularios, animatographos, tudo, tudo a troco de dinheiro, como descreve Zola, em paginas onde concentra todo o protesto da sua alma.

Lourdes, o centro do magestoso monopolio da crença. O dinheiro tornado Deus. O roubo tornado officio.

*
* *

O culto dos santos, o culto das imagens, eis a maior das mystificações, a degradante affronta á razão humana, o opprobrio de toda esse Povo que tem tanto de bom como de inconsciente.

Inconsciente, sim. O nosso amigo, o nosso irmão exhausto e perseguido, uma semana sob os raios abrazadores do sol, ao capricho rigoroso da natureza ao vento que suffoca, á chuva que lhe tolhe o passo, á neve que o enregela, lá vae ao domingo, dia de oração familiar, em que pode comer o pão negro com os seus filhos a essas barracas que chamam egrejas, ajoelhar junto de uma cruz, junto de madeira carunchosa, onde de mãos postas, espera o refrigerio para as suas dôres, amenidade, um palliativo para a lucta pela vida. Desgraçado! Illudido!

«E lhes disse: Escripto está. A minha casa será chamada casa de oração, mas vós a tendes feito covil de ladrões.

S. Matheus, cap. XXI, v. 13.

Covil de ladrões. Ladrões reconhecidos pelas leis ecclesiasticas e civis. Ladrões que assaltam cobardemente, quando, quem os cerca, tem os olhos vendados, o espirito ennublado pela ignorancia, amortecido pelo fanatismo.

Hoje, cinco tostões para uma missa, amanhã, uma novena, um voto a um santo, a penitencia de depositar numa caixa, fechada a sete chaves, o resultante do seu trabalho, mais uma bulla, uma esmola (!) para ornamentação do altar, auxilio para uma festa, congrua, folar para o padre, mais alqueire para os seus mortos gosarem dum padre-nosso antes do sacrificio, a compra dum santo, a cura de outro, por todos os meios, desde os mais ridiculos aos mais cynicos, é o Povo roubado á face de Deus vivo no sacrario, segundo confirma a fé dos castrados!

Attende-me Povo:

Nem a Biblia, o livro mãe de todos os ensinamentos clericaes justifica esse culto que o senso

commum reprova, ficando mesmo áquem da veneração que se deve aos mortos.

Elles, os galopins do papa, que andam sempre a ler-te as passagens das escripturas que te exponham e commentem as seguintes em que se manifesta a vontade do Deus de Roma :

«Não nos volteis para os idolos, nem façaes para vós deuses fundidos. Eu sou o Senhor vosso Deus. Lev. cap. XIX, v. 4.

«Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis para vós idolos, nem imagens de esculptura, nem levantareis columnas, nem na vossa terra coloqueis pedra assignalada para a adorardes; porque eu sou o Senhor vosso Deus.

Lev. cap. XXVI, v. 1.

«Não farás para ti imagem de esculptura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no céo, e do que ha em baixo na terra, nem de coisa que haja nas aguas...

«Não os adorarás, nem lhe darás culto, porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus forte e zeloso que vinga a iniquidade dos paes nos filhos (que bom coração) até á terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem.

Ex. cap. XX, v. 4 e 5.

Não fareis para vós nem Deus de prata nem deuses de cobre.

Estes textos são bem explicitos. Não podem ter duas interpretações. Só Deus se arroga com direito ao culto dos seres que creou. Não perdôa ao homem que ajoelhar a adorar qualquer imagem.

E essa sentença irá até á quarta geração do relapso que lhe não respeitar as immutaveis disposições. Será rigoroso, mas é justo.

Ao alvorecer do christianismo tambem surgi-

ram alguns escrupulos no culto das imagens. Reconheciam, n'este acto de submissão, as cinzas da idolatria.

Adorar uma figura de pau benzido, era o culto que nas cidades gregas se prestava ás divindades do paganismo.

Houve protestos, mas abafados. Os especuladores, os que teem os seus interesses vinculados a todas as mentiras religiosas, levantam-se desorientados, fecham as valvulas por onde podiam eccoar esses protestos.

O Concilio de Elvira escreveu :

«Placuit picturas in ecclesia non esse debere, ne quod colitur et adoratur in parictibus depingatur».

Eusebio, Epiphanio e, no anno 600, Sereno de Marselha, exprimem o sentir do concilio, não defendem a veneração das imagens, por contrariar as ordens divinas.

O synodo de Constantinopla que reuniu 338 membros (754), declara que o culto das imagens é uma obra do inferno, uma nova idolatria.

Leão Isaureano chegou a publicar um edito, prohibindo este culto, por se não conciliar com a escriptura, sendo a sua attitude santificada por alguns bispos, entre os quaes se contava Constantino de Nacolia, da Thrigoa; Thomaz de Claudiopolis e Theodosio de Epheso.

E' então que assomam ás portas das egrejas os Iconoclastas. Nem santos, nem imagens.

O imperador publica um segundo edito, e os seus partidarios entram nos templos, destroem a imagem do Christo, apagam todas as pinturas, e substituem-nas com quadros de ricas paizagens. Era o principio da lucta. O papa intervinha.

O paganismo tinha-se esphacelado.

Agora o culto podia prestar-se francamente nas egrejas a todas as pinturas e pedaços de madeira velha. Já não havia confusão. Os templos pagãos estavam fechados.

E assim de toda a parte, de oriente ao occidente, se generalisou com enthusiasmo o culto dos santos.

Faltava uma officina, e esta appareceu.

Martyres, confessores, thaumaturgos sobem aos altares. Egreja que não tivesse padroeiros, encommendava-os ao papa.

As canonisações succediam-se.

E' quasi o movimento continuo de santidade.

O processo corria com brevidade, e dava-se quasi sempre com meninos de boas familias.

Organisam-se festas. Pregam-se milagres, engrandecem-se-lhes feitos e tu oh! Povo meu querido camarada, tem-los acreditado, offertando-lhes, tantas vezes, algumas das tuas economias, para cevar esses animaes de virtude que esfoçam em todas as immoralidades, empestando o meio social com o escremento da sua alma.

Attende-me agora:

Ajoelhar numa ermida, em frente de uma imagem, representa uma abdicação vergonhosa da nossa personalidade, supplicar qualquer beneficio é ridiculo, é um contra-senso, é a grande aberração do estado religioso.

E eu bem sei que todos nós somos cobardes na dôr, quando escasseiam as forças de resistencia, appela-se para paliativos sonhados, havendo quem se confie ao sobrenatural.

Pois que nos diz a egreja, em defeza do culto dos santos? Que razões allega?

Que intercedem por nós junto de Deus, que levam os nossos pedidos ao despacho do Regula-

dor da materia, que são uns eleitos da Providencia, para estabelecer communicação dos peccadores com o tribunal divino.

Não podiam ser eleitos deste Deus sabio, justo, que te mandam adorar, porque eram escolhidos por meio dos agentes do Vaticano, apparecendo o pontifice com o exclusivo direito ás canonisações, e attendendo mais ao rancor com que proseguiam os inimigos do que ás suas virtudes moraes. Além disso, se fosse Deus que influenciasse no recrutamento para os altares, devia agora soerguer-se, de quando em vez, um desses Deus prodigiosos que enfeitam os templos.

Mas elles nos tempos de observação e experiencia não sahem das retortas de piedade, o que prova que o obscurantismo os gerou, só a especulação desse obscurantismo os mantem nos altares.

Na mór parte são sanguinarios, despotas como S. Domingos, idiotas como o cura de Ars, já beatificado, com quem Deus decerto não queria nada.

Admittindo mesmo que os canonisados fossem obra inspirada de Deus, não se justifica a oração que tu lhe dirijes nos augustiosos momentos da existencia.

Repugna á bondade de Jehovah, á sua immutabilidade, á sua sabedoria. Vae ferir a immutabilidade, porque se oramos, se pedimos, é com a esperança de ser attendidos, e n'este caso transformou os seus planos que «ab aeterno» tinha estabelecido. E' um Deus sujeito ás nossas rezas, ás nossas supplicas. E' um Deus malleavel.

Vae depôr contra a sua sabedoria e bondade porque, se elle nos liberta dos ferros do soffrimento por intermedio d'esse Santo, ou não conhe-

cia o nosso estado, e não é sabio, ou observava e ouvia as nossas lamentações, e só se demoveu a attender-nos, quando um dos seus privilegiados interveio, e não é bom, não é justo.

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e fechada a porta, ora a teu Pae em secreto; e teu Pae, que vê o que se passa, em secreto, te dará a paga.

S. Matheus. cap. VI, v. 6.

Pedi e dar-se-vos-ha; buscae e achareis; batei, e abrir-se-vos-ha, porque todo o que pede, recebe, o que busca, acha; e a quem bate, abrir-se-ha.

S. Matheus. cap. VII, v. 7 e 8.

D'estas passagens se vê que Deus, embora tenha em pouca conta a immutabilidade, não recommenda o culto dos santos, nem as visitas ás egrejas; manda orar, mas em segredo.

Os textos citados ostentam a inutilidade das orações do culto que tem dedicado aos santos. Se um Deus o confirma, para que duvidar?

Mas devemos orar a Deus, como elle nos impõe?

A resposta não é facil. Qualquer que seja alvejamos a magestade divina. Se fôr negativa ha a desobediencia, o ultrage á sua soberania, e ficamos victimas do seu odio, a espiar dentro da sua justiça que é infinita; se fôr positiva, se as nossas supplicas se tornam inevitaveis, golpeamos a sua sciencia, a immutabilidade e misericordia.

Em conclusão. Nem aos Deus, nem aos santos. Deus é infinitamente sabio, misericordioso, summamente bom, conhece os nossos sentimentos, e recompensa-os, vê as nossas necessidades e as nossas dores, e acalma-as, sendo inutil a oração.

E' sabio, ouve os nossos gemidos, observa o

soluçar da nossa alma, mas só nos socega e refrigera, apoz as nossas supplicas fervorosas, embora tenha sondado a nossa moralidade e então, além de mutavel, não é todo bondade.

E' bom; extremamente affectuoso, mas só remedeia o nosso angustioso estado, depois das nossas rezas e continuas petições, e não é omnisciente, porque na necessidade do pedido está «sine qua non» incluida a ignorancia de quem nos attende.

E' este raciocinio um circulo de ferro, de verdades manifestas, que se não póde torcer sem irmos ferir qualquer das perfeições, com que a egreja embeleza o seu Deus, que tem as inscripções tiradas nas passagens eloquentes da Biblia. Sendo baldada a oração á Divindade, á *fortiori* será irrisorio e sem sentido o culto dos santos.

Entre os cultos mercadejados com piedade pelos safardanas de sotaina, physica e moralmente castrados, dois teem bastante popularidade, e campo largo de crentes, o de Christo Deus-homem, e o de Maria Virgem, sua dolorosa Mãe.

Jesus e a esposa de S. José. Esta apparece com differentes appelidos nos negocios intimos das sachristias, á vontade dos freguezes, que ficam com os labios resequidos, com os requerimentos indeferidos, em quanto uma gargalhada de cynico satisfeito soa com intensidade pelas abobodas dos presbyterios.

Ha senhora das Neves, Senhora das Dores, Senhora da Conceição, a Immaculada Annunciação, Assumpção, Ascenção, Senhora do Castello, Senhora de Alagôas, Senhora do Bom Porto, etc., designando a egreja o dia oito de Agosto, dia das sete Senhoras, que em mathematica theologica é egual a uma — Maria mãe de Christo.

Cada nome sua festa, e cada festa o sagrado leilão.

Mas merecerá a Virgem a homenagem que se deve á mulher? As escripturas que respondam. Por minha parte, lamento José, humilde carpinteiro da casa de David.

A adoração de Christo, tambem tem revestido differentes cerimoniaes, e dado pasto farto ao proletariado de caldeirinha e hyssope.

O Senhor dos Afflictos, o Senhor do Calvario, o Senhor dos Passos, o Sagrado Coração, o Santissimo, etc., com differentes maneiras de ser, ora de cruz ás costas, soando sangue, ora pregado na madeira, quasi sempre triste, como um criminoso, apertado pelo cordel do remorso.

Será digno dos nossos affectos? Devemos offertar-lhe a nossa admiração?

De maneira nenhuma. Que foi martyr, mas o seu martyrio, foi encommendado, foi vendido. Em toda a parte, declara que não é elle a proceder, que não pode evitar o sacrificio da cruz.

Quando é preso, um discipulo, tirando a espada quer libertar o mestre, mas este reprehende-o asperamente e accrescenta:

«Como se poderão cumprir as escripturas que declaram que assim deve succeder? (S. Matheus, cap. XXVI, v. 54).

Não é um revolucionario a luctar no horisonte azul do seu ideal, é o mystico submisso, com uma moral hybrida, a abraçar as pedras do calvario, esperando a recompensa infinita.

Não é uma vida de revolta, são tres annos de tragedia, onde muitas vezes nos escapa o homem, para vermos o phantasma.

Não é a realidade, parece uma sombra.

Os investigadores historicos teem sido accu-

sados de violentos e injustos, quando tratam do fundador do christianismo. Bossi é apupado, Theophilo Braga excommungado.

Mas a Biblia? Os evangelistas?

Quatro biographos, canonisados, cheios de graça, deixam nos seus trabalhos lacunas injustificaveis. Na sua leitura julga-se ver o protagonista imaginado, e accomodado á imaginação do escriptor.

Senão vejamos:

O seu nascimento causa espanto em todo o oriente. Os pastores avisados por um anjo vão adora-lo. Os reis magos guiados por uma estrella que se desloca (oh! maravilha scientifica) vae a Belem prestar-lhe culto, e para suas terras deveriam contar o phenomeno sobrenatural. Jerusalem emociona-se e com ella o rei Herodes.

«E o rei Herodes, ouvindo isto se turvou e toda Jerusalem com elle. S. Matheus, cap. II, v. 3, a degolação de creanças, para o poder civil ceifar a vida do innocente de Nazareth.

E depois d'estes meandros do *extraordinario*, com a discussão que Jesus teve na edade de 12 annos, com os doutores, confundindo-os com a sua sciencia, vem a Biblia a fechar as suas primeiras glorias tão modestamente.

E Jesus crescia em sabedoria, e em edade e em graça deante de Deus e dos homens. S. Lucas, cap. II, v. 52.

Completa trinta annos, e entra na vida publica, encetando a sua pregação.

Que fez até essa edade? Os evangelistas não dizem. Ora este silencio abona pouco em favor do seu protagonista.

Podia Jesus fugir ás apotheoses das multidões, mas estas depois de se inteirarem da grandeza

do seu nascimento, da ruidosa polemica que sustentou no templo, não o deixariam; permaneceriam, junto de Belem, a bemdize-lo.

Os reis do oriente não voltam a adora-lo.

Ficam nos seus paizes, sem mais se importarem da estrella que os dirijiu, sem mais fallarem no filho de Maria, o que contrasta com o espanto que sentiram á vista de tão insolitas maravilhas.

Comtudo ainda se pode tributar a Christo (?) e a Maria de Nazareth o respeito que se deve aos mortos. Aos Santos que um papa baptisou em horas vagas, merecem o nosso desprezo, e muitos o nosso odio, a revolta das nossas consciencias.

Quem foram? que serviços prestaram á Humanidade?

Para não estar com mais citações, apreciemos S. Domingos, e o beato cura de Ars. Aquelle foi sanguinario, um assassino, que de cruz hasteada dirijiu a carnificina na tomada de Begieres, em que se mataram cerca de vinte mil pessoas, sem distincção de sexo, nem de edade. Foi o barbaro inquisidor que se banhou no sangue dos Albigenses. Este, o miseravel cura que tentam erigir nos altares, era um delirante, era um inutil, escravisado ás argolas dessa fé que tem feito do mundo um cemiterio, da historia a paixão da Humanidade.

Andava dias e dias, sem se alimentar, supplicando-se, indo encontrar as refeições nos tapetes de relva que se estendiam no seu quintal. Um louco, com intervallos de mysticismo.

Mas ha martyres que morreram pela sua doutrina!

O martyrio destes era inspirado por egoismo infinito. Deixavam despedaçar as carnes para a

alma se desprender das podridões terrestres, e elevar-se ao seio de Deus, á felicidade summa. Acceitavam as torturas, iam abraçar o carrasco que lhes dava a morte, por estar convencidos de que as portas do prazer se lhes abririam de par em par, de que uma eternidade de delicias iria premiar o desprendimento do mundo.

Sacrificavam a vida terrestre, mas exigiam o banquete celestial. Era vender o finito, pelo infinito, o temporario pelo eterno.

Uns egoistas, eis os martyres do christianismo, religião escravisadora, consubstanciada, num livro dissoluto, immoral, a Biblia, em que se amontôam todas as degradações da alma humana.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
1765
B35

Barbas, Alexandre
Os crimes de sachristia

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 10 02 06 011 6